



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Carina Freitas Passos

**AMOR FEMININO:
Do desamparo à devastação**

UBERLÂNDIA

2017

Universidade Federal de Uberlândia - Avenida Maranhão, s/nº, Bairro Jardim Umuarama - 38.408-144 - Uberlândia – MG

+55 – 34 – 3218-2701

pgpsi@fapsi.ufu.br

<http://www.pgpsi.ufu.br>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Carina Freitas Passos

**AMOR FEMININO:
Do desamparo à devastação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria Silva Neves

UBERLÂNDIA

2017

Universidade Federal de Uberlândia - Avenida Maranhão, s/nº, Bairro Jardim Umuarama - 38.408-144 - Uberlândia – MG

+55 – 34 – 3218-2701

pgpsi@fapsi.ufu.br

<http://www.pgpsi.ufu.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P289a Passos, Carina Freitas, 1980
2017 Amor feminino: do desamparo à devastação / Carina Freitas Passos.
- 2017.
107 p.

Orientadora: Anamaria Silva Neves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2017.4>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Mulheres -Psicologia - Teses. 3. Violência contra a mulher - Teses. 4. Mulheres - Aspectos sociais e psicológicos - Teses. I. Neves, Anamaria Silva. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



Carina Freitas Passos

**AMOR FEMININO:
Do desamparo à devastação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria Silva Neves

Banca Examinadora

Uberlândia,

Profa. Dra. Anamaria Silva Neves (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Moisés Fernandes Lemos (Examinador)
Universidade Federal de Goiás – Catalão, GO

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva (Examinador Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Tiago Humberto Rodrigues Rocha (Examinador Suplente)
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba, MG

UBERLÂNDIA

2017

À minha pequena Ana Cecília, que me mobilizou a continuar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às pessoas que me possibilitaram um momento para concluir este trabalho. Humberto, Mamãe e Renata, sem vocês para cuidarem da pequenina Ana Cecília, eu não conseguiria.

Ao meu amado Humberto, que me ouve, me acolhe e me suportou nos momentos de estresse pela urgência do tempo, que insistia em passar depressa. Obrigada por não ter me deixado desistir, quando eu já havia decidido por isso.

À minha querida orientadora Anamaria, pelo respeito e carinho que me possibilitou concluir esta etapa.

Aos ex-colegas de trabalho da OSC SOS Mulher e Família de Uberlândia, pelas incessantes discussões sobre “essas mulheres” que nos instigam.

À professora Lucianne Menezes, pela leitura carinhosa, atenta e ao professor João Luiz Paravidini, pela relevância de seus questionamentos no exame de qualificação.

À querida Mirian Lúcia pela cuidadosa revisão desta escrita.

Às mulheres em relacionamentos violentos.

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará.

Freud, 1920 – Além do princípio do prazer

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o sujeito feminino que se sustenta psiquicamente no vínculo violento. Referendada neste cenário emerge a problemática que sustenta a questão “Por que ela simplesmente não vai embora?”, que tangencia a movimentação de mulheres frente às situações de violência. Partindo deste viés, elege-se, com a contribuição do texto literário, a personagem “*O*” de Pauline Réage (1954/1972), na obra *A história de O*. Esta personagem corrobora com a premissa desta pesquisa de que há uma intrínseca relação entre a constituição do sujeito feminino, o masoquismo e o desamparo fundamental ao apresentar-se como uma mulher que cede aos desejos do amante, sem recusas. Fez-se imprescindível percorrer as construções teóricas de Freud e Lacan, seguindo teóricos contemporâneos, para elucidar os conceitos de desamparo, e suas nuances, e o masoquismo, em suas articulações com o processo de subjetivação. Com efeito, coube abordar as especificidades do complexo de Édipo feminino para problematizar sobre a escolha de objeto e parceiro devastaçao. A devastaçao surge como uma forma peculiar do sujeito feminino, em especial na parceria amorosa na qual há a cessão de si, que remete à forma de relacionar-se com o Outro primordial. Isso evidencia a incessante demanda de amor ao Outro, notoriamente relacionada à devastaçao. Sobre este ponto pode-se analisar que a personagem “*O*”, ao submeter-se a seus amantes sem limite às concessões que faz de seu corpo (numa relação de total servidão) se acalenta pelas palavras de amor ditas a ela. A pesquisa permitiu compreender a constituição do sujeito feminino nesta relação de servidão ao Outro. Neste cenário, o masoquismo feminino surge frente à impossibilidade de suportar o desamparo, que encontra um destino funesto, viabilizando a saída pela devastaçao.

Palavras-chave: Desamparo; Masoquismo; Feminino; Vínculo violento; Devastaçao.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the female subject that sustains psychically in the violent bond. Countersigned in this scenario emerges the problematic that sustains the question "Why it does not just go away?", That it touches the movement of women in the face of situations of violence. Starting from this bias, the character "*O*" of Pauline Réage (1954/1972), in the work The history of O. This character corroborates with the premise of this research that there is an intrinsic relation Between the constitution of the female subject, masochism and fundamental helplessness when presenting herself as a woman who yields to the lover's wishes, without refusals. It was necessary to go through the theoretical constructions of Freud and Lacan, following contemporary theorists, to elucidate the concepts of helplessness, and its nuances, and masochism, in their articulations with the process of subjectivation. In fact, it was necessary to address the specificities of the female Oedipus complex to question about the choice of object and partner devastation. Devastation emerges as a peculiar form of the female subject, especially in the loving partnership in which there is self-giving, which refers to the way of relating to the primordial Other. This shows the incessant demand of love to the Other, notoriously related to the devastation. On this point one can analyze that the character "*O*", when submitting to his lovers without limit to the concessions that he makes of his body (in a relation of total servitude) is cherished by the words of love said to her. The research allowed to understand the constitution of the female subject in this relation of servitude to the Other. In this scenario, female masochism arises in the face of the impossibility of supporting the helplessness, which finds a fatal destiny, making possible the exit by the devastation.

Keywords: Helplessness; Masochism; Female; Violent bond; Devastation.

SUMÁRIO

Introdução	10
1 Desamparo	17
1.1 A noção de desamparo em Psicanálise	18
1.2 Desamparo e suas vicissitudes	28
1.3 Masoquismo e suas relações com o processo de subjetivação	33
2 A constituição do sujeito feminino	39
2.1 Freud e os impasses do Complexo de Édipo na Menina	39
2.2 Lacan e os três tempos do Édipo	45
2.3 Sexualidade feminina, masoquismo e feminilidade	58
3 A história de O: Sobre a escolha de objeto, o masoquismo e o feminino	70
3.1 Breve relato sobre a história de <i>O</i>	71
3.2 Vínculo e contratos masoquistas	76
3.3 Parceiro devastação	86
Considerações Finais	97
Referências Bibliográficas	101

INTRODUÇÃO

Sem açúcar

*Todo dia ele faz diferente
Não sei se ele volta da rua
Não sei se me traz um presente
Não sei se ele fica na sua
Talvez ele chegue sentido
Quem sabe me cobre de beijos
Ou nem me desmantha o vestido
Ou nem me adivinha os desejos*

*Dia ímpar tem chocolate
Dia par eu vivo de brisa
Dia útil ele me bate
Dia santo ele me alisa
Longe dele eu tremo de amor
Na presença dele eu me calo
Eu de dia sou sua flor
Eu de noite sou seu cavalo*

*A cerveja dele é sagrada
A vontade dele é a mais justa
A minha paixão é piada
Sua risada me assusta
Sua boca é um cadeado
E meu corpo é uma fogueira
Enquanto ele dorme pesado
Eu rolo sozinha na esteira*

Chico Buarque de Holanda

O interesse que emerge neste trabalho é investigar a constituição do sujeito feminino a partir da análise do desamparo e do sofrimento de mulheres que vivenciam situações de

violência em suas parcerias amorosas.

A poesia em forma de música, de Chico Buarque de Holanda, que inicia esta escrita, convoca a pensar a questão da mulher na parceria amorosa em que há uma cessão de si, entendendo por cessão de si a posição em que a mulher se coloca como aquela que cede, renuncia, outorga sua condição de sujeito ao parceiro, de forma análoga à de servidão. Nessa condição de transferência, de posse de si ao outro parece que há um posicionamento da mulher em uma condição eminentemente de objeto, conferindo ao outro o direito sobre si.

A investigação sobre esse tema surgiu da inquietação em elucidar, a partir dos referenciais psicanalíticos, a frase “Por que ela simplesmente não vai embora?”, questionamento que circula entre profissionais que trabalham em equipamentos de assistência social, saúde e, também, em equipamentos de atendimento às mulheres em situação de violência afetivo-conjugal. Tal elucidação faz-se pertinente por partir de princípios que buscam desmistificar frases do senso-comum, mas que emanam de profissionais de diversas áreas, como “ela gosta de apanhar”, “gosta de sofrer”, “não tem vergonha na cara”, “é louca”, frases que se consolidam com as máximas de Nelson Rodrigues¹ de que toda mulher gosta de apanhar.

Outra inquietação se ancora na frase lacaniana “não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (Lacan, 1973/2003, p.538). Surge a questão, a partir desta consideração, se tais concessões podem conduzir a mulher a uma falta de limites do seu corpo, concedendo ao outro a sua posição de sujeito, objetificando-se, deixando-se marcar pelo excesso, pela falta de limites (a um excesso que a colocaria entre o caos e o desamparo), produzindo efeitos funestos. Partindo deste viés, surge, pela contribuição do texto literário, a personagem “O” de Pauline Réage (1954/1972), em sua obra *A história de O*, de 1954. Esta personagem corrobora com a hipótese desta pesquisa de que há uma intrínseca relação entre a constituição do sujeito feminino, o masoquismo e o desamparo fundamental ao

¹ Segundo Ruy Castro (1997), que reuniu na obra *Flor de obsessão – As 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*.

apresentar-se como uma mulher que cede aos desejos do amante sem recusas.

Para a construção deste trabalho, fez-se imprescindível, portanto, contextualizar o leitor sobre a história da personagem “*O*” para se alcançar, posteriormente, uma leitura psicanalítica para além da história deste clássico da literatura erótica. Sem pretender fazer uma interpretação da autora da obra, que se apresenta como um engodo, mas ir além, partindo de uma leitura da personagem em suas relações para ponderar sobre o que está em evidência e comporta algo de particular do universo feminino.

Com isso, e a partir das indagações sobre o sofrimento em mulheres que vivenciam relações violentas, pode-se analisar a estreita relação entre o sofrimento, engendrado pelo desamparo e que se apresenta em diferentes nuances, e as concessões descritas por Lacan (1973/2003) em jogo no sujeito feminino. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar o sujeito feminino que se sustenta psiquicamente no vínculo violento.

Parte-se, portanto, da investigação da noção de desamparo e suas vicissitudes, seus desdobramentos sobre os processos de subjetivação para, posteriormente, avançar sobre a relação com outros conceitos como masoquismo, Complexo de Édipo e escolha de objeto, sempre focalizando a questão do feminino.

O termo desamparo circunscreve todo este trabalho por estar na origem do sujeito, sendo insuperável, e por mediar relações possíveis estabelecidas pelo laço social e, com isso, os vínculos nas parcerias amorosas.

Desta forma, pode-se perguntar se é pelo desamparo fundamental em relação ao desejo do Outro que as mulheres envolvidas em amores violentos fazem concessões que as levam ao caos.

Como forma de desvelar os impasses da posição do sujeito, proposto por este trabalho, será utilizado como recurso o texto literário. As obras literárias como estratégia metodológica em Psicanálise, apresentam-se como possibilidades de pesquisa na elucidação e avanço teórico

para se ponderar sobre questões clínicas. Localiza-se nos textos freudianos, algumas referências importantes utilizadas pelo autor como, por exemplo, *Delírios e sonhos de Gradiva de Jensen* (1906/2006), *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância* (1910/2006), *O estranho* (1919/2006); e na obra lacaniana, pode-se destacar textos como *O seminário sobre ‘A carta roubada’* (1956), Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1966). Tais textos fornecem, cada qual em particular, tessituras de como a Psicanálise, desde seus primórdios, utiliza-se da literatura como fonte de pesquisa para construções teóricas relevantes.

A pesquisa em Psicanálise tem um caráter clínico-qualitativo, pois, o que a pesquisa pretende abranger não é algo do coletivo, e sim a singularidade de cada sujeito. De acordo com Elia (2000), “A pesquisa é uma dimensão essencial da práxis analítica, em função de sua articulação intrínseca, e não circunstancial, com o inconsciente” (Elia, 2000, p.19). Desta forma, ainda seguindo este autor, a pesquisa em Psicanálise é clínica, mesmo que seu campo não seja o clínico, mas por comportar, em seu método, o acesso ao sujeito do inconsciente.

Rosa e Domingues (2010) destacam que a pesquisa em Psicanálise fora do contexto da clínica recebe diferentes denominações. Segundo as autoras, “em Freud, ela é chamada de psicanálise aplicada, em Laplanche, de psicanálise extramuros e, em Lacan, de psicanálise em extensão” (p.180). A Psicanálise aplicada remontaria à teoria e suas possibilidades de aplicação em campos não clínicos – diferenciam, assim, a Psicanálise chamada de “pura”, do *setting* terapêutico, da aplicação desta, fora do *setting*, como demonstração dos conceitos; a Psicanálise extramuros que comportaria a dimensão da Psicanálise que teria o tratamento como campo privilegiado, porém, para ser transferida para outros campos; e a Psicanálise em extensão que, em dependência da Psicanálise em intensão (processo e produto da análise), é composta pela intensão, doutrina e didática, para a transmissão da Psicanálise (função da Escola – formação do analista) (Rosa e Domingues, 2010).

Com efeito, a pesquisa em Psicanálise parte de uma problematização que interesse a

prática. O mito do Édipo serve a Freud como pilar para as construções teóricas que nortearam a prática clínica e possibilitaram os avanços teóricos. Para Nobre (1999), a prática em Psicanálise move o analista/pesquisador pelo encontro com o não-todo do saber que se produz na experiência, visando tornar a prática possível. O ato de pesquisar em Psicanálise, de acordo com a autora, se faz “uma tarefa necessária ao analista na prática (im)possível de seu ofício” (p.37).

Cabe, portanto, nesta dissertação, com respaldo na Psicanálise, ponderar sobre a constituição do sujeito feminino. Freud (1933[1932]/2006) ressalva que “a Psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir – , mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde criança dotada de disposição bissexual” (p.117). Esta pesquisa, portanto, ampara-se na teoria psicanalítica em busca de avanços teóricos sobre esta questão atual e pertinente. Cabe lembrar que as marcas da violência são, constantemente, (re)pensadas por legisladores mobilizados por ações sociais, como a criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e da Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015), em busca de compromisso para responder à essa problemática que atinge mulheres de todas as classes sociais.

Assim sendo, o percurso desta investigação é marcado por três capítulos. O primeiro capítulo desdobra-se em desenvolver o conceito de desamparo em Psicanálise. Para isso, é imprescindível estabelecer, destacadamente, a diferença entre a palavra e o estatuto de conceito que “desamparo” adquire em Freud. Isso porque, segundo Birman (1999a), a “mágica palavra **desamparo**” (p.11) é utilizada em concepções diferentes, o que repercute em uma confusão entre psicanalistas na compreensão da palavra e do conceito. Este autor esclarece que “a magia investida nessa palavra (desamparo) é fonte inesgotável de enganos, tropeços e mal-entendidos entre os interlocutores envolvidos no diálogo sobre isso na psicanálise” (p.11), visto que, no discurso freudiano, a palavra pode ser utilizada sem que esteja se referindo ao conceito e o

conceito apresenta-se sem que haja, necessariamente, a palavra.

Nesta perspectiva, busca-se estabelecer uma compreensão metapsicológica da noção de desamparo, visto a não formalização deste conceito na obra freudiana, problematizando sobre sua condição de estatuto originário do sujeito, estabelecendo um contraponto entre o desamparo e suas vicissitudes e entre desamparo, feminino e subjetividade masoquista. Esta relação intercambiável possibilita pensar a constituição subjetiva que promoverá a construção do vínculo na parceria amorosa que se pretende investigar.

No segundo capítulo é abordada a questão do complexo de Édipo na menina, pelas perspectivas de Freud e Lacan. Por investigar a constituição subjetiva de mulheres em vínculos violentos, faz-se imprescindível a compreensão do Complexo de Édipo na menina, conceito fundamental em Psicanálise e do qual o ser humano não escapa e que, de saída, assinala um impasse, diferentemente do menino, visto que a menina há que abrir mão, desde o início, do seu primeiro objeto de amor, a saber, a mãe, e deslocá-lo para o pai para seguir seu caminho pela entrada no Édipo. Se é, portanto, pela ameaça de castração que o menino encontra a dissolução para seu complexo de Édipo, é a descoberta da castração que faz com que a menina avance em seu processo de subjetivação.

No terceiro capítulo é exposto um breve relato da história de “*O*”, personagem de Pauline Réage (1954/1972), que se apresenta como objeto de investigação para a compreensão da construção do vínculo violento. Para analisar a relação entre desamparo, masoquismo e contrato por meio do vínculo violento, coube percorrer um caminho que pondera acerca da leitura da história de “*O*” em diálogo com a questão da escolha de objeto em Psicanálise e suas especificidades com o feminino.

Nesse percurso, há a discussão sobre a escolha por um parceiro devastação, o que aponta a intrínseca relação entre tal escolha e os primórdios da vida psíquica em que a mulher toma o caminho em busca do evitamento do desamparo original que a coloca na condição masoquista

de submissão ao desejo do Outro por sua particularidade em relação à mãe. Demonstra-se, desta forma, que a saída encontrada pelo sujeito feminino é pela via da devastação, caminho empregado por “*O*” em seu laço com seus amantes, que pode levar a mulher ao aniquilamento de si. Considera-se, portanto, que a história de “*O*” possibilita a análise da condição de devastação frente ao horror terrífico do desamparo, pelas relações de anulação de si que a personagem estabelece com seus parceiros ao abdicar de seu corpo na incessante demanda de amor.

CAPÍTULO I - DESAMPARO

Este capítulo se propõe a trabalhar a noção de desamparo em Psicanálise. Problematizar sobre este termo faz-se pertinente, visto que em Freud o desamparo não é formalizado como conceito, sendo imprescindível tratá-lo como estatuto (Pereira, 2008). Dessa forma, preconiza-se delinear a compreensão metapsicológica da noção de desamparo nos processos de subjetivação do ser falante, para a problematização sobre o desamparo e suas vicissitudes, buscando estabelecer particularidades em suas relações com o feminino.

De acordo com o dicionário Michaelis (2008), a palavra desamparo significa falta de auxílio, abandono. É preciso observar que esta definição não traduz o desamparo como algo biológico, colocando-se aí a ambigüidade do termo. Entende-se, com Freud (1926[1925]/2006), que em Psicanálise o desamparo psíquico supera a concepção meramente motora ou biológica. O desamparo psíquico se coloca enquanto condição ao organismo biológico que, para além de necessidades vitais, necessita de um outro que o sustente psiquicamente, que favoreça ao indivíduo que se constitua como sujeito.

O ser humano é ser do desamparo, visto que necessita do “Outro”² para dar existência ao corpo biológico que, sem amparo de suas necessidades, sucumbiria. Porém, além do amparo físico, para que advenha o sujeito faz-se imprescindível a relação do bebê com o Outro que o sustente psiquicamente, que possibilite sua inserção na linguagem.

Ainda, compreender a noção de desamparo é substancial para este trabalho por entender-se que é pelo desamparo que o sujeito vai ligar-se a um objeto na tentativa de apaziguamento do sofrimento. O laço social que o sujeito estabelece é que vai possibilitar a ilusão frente ao

² Entende-se por “Outro”, ou Grande Outro, de acordo com a teoria lacaniana, a pessoa que, além de dispor de cuidados para com o bebê, insere-o na linguagem, ou seja, proporciona ao pequeno ser humano advir como sujeito, por fazer parte da estruturação de seu desejo. Esse Outro Primordial ampara a criança humana tanto em seu desamparo biológico quanto psíquico por supor-se que é um sujeito ao qual não existe a falta. O entendimento de Outro aqui apresentado é uma das nuances da concepção propostas na obra lacaniana. O que importa aqui é esta noção do Outro que funda o sujeito, o Outro Primordial ou Outro Materno que insere a criança na linguagem, apresentando-lhe o significante que simbolizará seu processo de subjetivação.

mal-estar, pela falta de garantias, e ao desamparo fundamental (Freud, 1930/2006). O caminho que cada sujeito percorre na tentativa de apaziguar a angústia provocada pelo desamparo original é o que se coloca como um engodo (Menezes, 2012a).

1.1 A noção de desamparo em psicanálise

A noção de desamparo em Psicanálise é fundamental por esta adquirir estatuto originário do sujeito ao ser correlacionada ao traumatismo do nascimento e, posteriormente, à total falta de garantias a que todo sujeito está lançado, visto que a condição de existência do sujeito na civilização é apoiada na premissa de desamparo psíquico.

Assim, o ser humano é o ser do desamparo desde sua constituição, necessita de cuidados de um outro (adulto) para que tenha suas necessidades básicas atendidas (fome, sede), estendendo-se até sua morte e por ser um sujeito da linguagem, o que o coloca frente à total falta de garantias, visto que sua entrada na linguagem o remete ao lugar do furo, de uma falta fundamental, sem garantias simbólicas do mundo que é revelado pela linguagem (Pereira, 2008).

A noção metapsicológica de desamparo está presente desde o início da obra freudiana, porém, é melhor caracterizada em *Inibição, sintoma e angústia* (1926[1925]/2006) e nos textos sociológicos *O futuro de uma ilusão* (1927/2006) e *O mal-estar da civilização* (1930[1929]/2006) impondo-se a Freud como uma problemática de dupla face.

Para Birman (2014), “o registro psíquico do desamparo é algo de ordem originária, marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável” (pp.39-40). Nessa perspectiva, sustenta-se a importância da compreensão da dimensão do desamparo por ser elemento que funda a subjetividade, sendo, portanto, permanente, que não pode desaparecer totalmente, tornando-se irrefutável e indiscutível.

Pereira (2008) problematiza acerca da tradução da palavra *Hilflosigkeit*, traçando um caminho que faz contraponto com a teoria da angústia. Para o autor, “toda angústia comporta em si o germe de um trabalho para a elaboração da dimensão de desamparo” (p.169) que todo sujeito enfrenta em sua constituição.

Ao problematizar sobre a tradução da *Hilflosigkeit*, Pereira (2008) inicia a questão com uma tradução que trataria de uma incapacidade de se sair bem de situações difíceis e, posteriormente, destaca-a como desamparo, abandono, impotência. Para Menezes (2012b), “desamparo é uma boa tradução para *Hilflosigkeit*, porque essa falta de sustento, de proteção, implica a necessidade de um outro” (p.26), supondo que não há a ajuda do outro que dê sustentação, que aja para aplacar a tensão interna.

Laplanche e Pontallis (2001) propõem como tradução para *Hilflosigkeit*, “estado de desamparo” que, segundo estes autores, trata-se em Freud de um dado objetivo que significa a incapacidade do recém-nascido humano de “empreender uma ação coordenada e eficaz” (p.112). Destacam, contudo, que no adulto, “o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia” (Laplanche & Pontalis, 2001, p.112).

A palavra “desamparo” aparece em Freud, de acordo com os Índices Remissivos das Obras Completas, somente no volume XX, mais especificamente no texto *Inibição, sintoma e angústia*³ (1926[1925]/2006), como “situação de desamparo” (p.411). Contudo, para muitos autores, a noção metapsicológica do desamparo está presente desde os primórdios do pensamento de Freud evidenciando a importância do termo em Psicanálise e nas construções teóricas freudianas, fato que contradiz a importância que é destacada somente no texto acima mencionado.

Nesse texto (1926[1925]/2006) é discutida a relação entre desamparo mental e biológico em relação com a angústia; “verifica-se que a angústia é um produto do desamparo

³ De acordo com a Edição Standart das Obras Psicológicas de Freud, o termo utilizado é ansiedade, contudo, entende-se que o termo angústia seria a tradução mais adequada a ser utilizada.

mental da criança, o qual é um símilo natural de seu desamparo biológico” (p.136). Tais colocações apontam para a teoria da angústia na qual o eu é desamparado e abandonado à própria sorte diante do poder das excitações com as quais não consegue lidar e, portanto, a *Hilflosigkeit* é este estado de desamparo psíquico que gera a angústia.

Em outro momento, fica estabelecida a correlação entre desamparo e a angústia de castração em que Freud (1926[1925]/2006) assinala que “o ficar privado disto (perda do objeto) equivale a uma renovada separação dela (mãe), e isto, por sua vez significa ficar desamparadamente exposto a uma tensão desagradável, devido à necessidade pulsional, como foi o caso do nascimento” (p.137). O desamparo é marcado desde o nascimento, porém, revivido em momentos de privação e separação da mãe e, posteriormente, a perda dos objetos – seio, voz, olhar e fezes, e mais destacadamente, o falo.

Ainda nesta obra, Freud (1926[1925]/2006) ressalta que “o ego fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devido à necessidade, como ocorreu na situação do nascimento, e que a angústia é então, gerada” (p.139), destacando que é a partir do desamparo fundamental que o ego, a uma necessidade não satisfeita e que gere uma tensão excessiva, apresenta um “estado de desamparo” que produzirá a angústia. O estado de desamparo equivaleria a um momento em que, frente a uma necessidade que precisa ser satisfeita, a criança se angustia, analogamente à situação do nascimento em que ela é retirada do ventre materno e “jogada” no mundo sem garantias, em uma situação de perigo. O estado de desamparo estaria ligado a uma real possibilidade de situação de perigo.

Menezes (2012b), ao fazer uma análise da palavra desamparo, destaca que “o desamparo é um termo que pressupõe a existência do outro” (p.24), visto que implica em proteção, auxílio, socorro. Desta forma, a autora destaca que estar privado de amparo, ou seja, desamparado, implica em uma condição de abandono, solidão e esquecimento.

Ainda nessa perspectiva, Menezes (2012b) refere-se à ideia de separação que se

pressupõe na palavra desamparo (des-sem + amparo), fazendo contraponto entre o amparo que sustenta (da mãe) e a separação desta, como fundamental para emergir o sujeito, sem “um ser onipotente que lhe garanta uma estabilidade para sempre” (p.25), mostrando a importância do desamparo enquanto separador do Outro primordial, lançando o indivíduo humano para a constituição como sujeito.

Análogo ao estado de desamparo, Freud (1926[1925]/2006) cita o perigo de desamparo psíquico como “apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência dos outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo de seu superego, até o período da latência” (p.140). Deste modo, Freud (1926[1925]/2006) faz uma alusão à geração de angústia frente a uma situação de perigo e que o ego, não tendo produzido sintoma que removeria esta situação de perigo, possibilita a concretização da situação, “na qual o ego fica desamparado em face de uma exigência pulsional constantemente crescente – o determinante mais antigo e original da angústia” (p.142).

Posteriormente, Freud (1926[1925]/2006) esclarece que a relação que o indivíduo enfrenta ante seu desamparo pode ser devido a um perigo real, em relação à realidade vivida e que colocasse em risco a vida do indivíduo e que denominou, portanto, de desamparo físico, ou a um perigo pulsional que estaria relacionado às exigências das forças pulsionais, denominando este de desamparo psíquico. Tal fato evidencia que a teoria freudiana que, a princípio, relacionava o desamparo às necessidades de cuidados físicos para a existência, adquire um novo estatuto relacionando a teoria das pulsões.

No que tange à distinção entre o desamparo físico e psíquico fica evidente que há uma relação intrínseca entre ambos, haja vista que ambos possuem sua origem no nascimento. Além de necessitar do outro que forneça os cuidados físicos, sem o qual sucumbiria, o bebê humano necessita do Outro que o sustente psiquicamente, que sustente a ilusão de que ele é protegido e

amado.

De acordo com Birman (1999a), devido à prematuridade biológica, “o organismo humano precisaria do outro, de maneira absoluta, como condição *sine qua non* para sua sobrevivência enquanto organismo” (p.19), atribuindo ao outro a inscrição da ordem ao infante que nasce marcado pela desordem.

Segundo Menezes (2012b), o que determina a condição da situação de desamparo é a perda do objeto, sendo esta, portanto, equivalente à situação traumática. A perda do objeto só é sentida por nela estar localizada aquela que sustenta a ilusão de proteção e, desta forma, se mostra análoga à perda de amor.

Freud (1926[1925]/2006) ressalta que as manifestações da angústia na criança ocorrem devido à condição que ela se encontra, na qual sente falta de alguém que ama e, com isso, saudade. Tal fato pode ser observado, segundo o autor, quando a criança está sozinha, no escuro ou com uma pessoa desconhecida, o que a leva a um anseio que se transforma em angústia devido a um sentimento da criança por uma situação de desorientação. Desta forma, a angústia surge como uma reação sentida pela perda do objeto amado que remete a criança à angústia de castração e ao medo de separação do objeto valioso, o que remonta a cena da angústia primeva (nascimento) onde ocorreu a separação real, separação esta, da mãe.

De acordo com o trecho anterior, Freud (1926[1925]/2006) demonstra que a angústia se instalaria diante de qualquer sinal da possibilidade da perda do objeto amado. Contudo, ao articular angústia, castração e feminino, o autor reporta a situação geradora de angústia como sendo a perda do amor do objeto e não mais a necessidade ou medo de perdê-lo. Assim sendo, o que o sujeito teme não é a perda do objeto em si, mas a perda do amor deste, o que equivaleria a deixar de ser amado.

Em Pereira (2008), o desamparo que havia sido colocado no início da obra freudiana como a incapacidade do recém-nascido em atender suas necessidades vitais, no fim da vida de

Freud é retomado e reelaborado, sendo tratado em outra perspectiva. Neste momento, o desamparo toma a “perspectiva da radical falta de garantias do ser humano” (p.127). Neste sentido, Pereira (2008), elaborando a noção de desamparo em Freud, aponta que “desde esta primeira tentativa de elaboração teórica, a questão do desamparo motor e psíquico [*motorische – psychische Hilflosigkeit*] apresenta-se como fundamento de um fenômeno psíquico muito complexo e de extrema importância” (p.137).

Menezes (2012b) destaca que a problemática do desamparo, em Freud, apresenta-se com dupla face, apontando uma face erótica e sexual e outra face da falta de garantias do sujeito, que o levaria ao laço social devido ao “mal-estar” causado pela frustração pulsional. Segundo esta autora, o desamparo, nesta perspectiva, pode ser compreendido a partir dos textos *Inibição, sintoma e angústia* (1926[1925]/2006), que sustenta a primeira face, e nos textos *O futuro de uma ilusão* (1927/2006) e *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/2006) que desdobra sobre o desamparo frente à falta de garantias.

Para Basset (2002), “ao falar de desamparo, designamos um estado e ao falarmos de angústia nos referimos ao afeto que invade o sujeito. Sendo assim, é de uma angústia primordial, primeira, que se supõe na base do nascimento do sujeito, que se trataria do desamparo” (p.212). Deste modo, é o estado de desamparo que provoca a afetação do sujeito pela angústia, na tentativa de aplacar o desespero frente ao desamparo fundamental do qual nenhum sujeito escapa.

A situação de desamparo se apresenta como momento real, concreto em que a desintegração do corpo é posta. Para Pereira (2008), em momentos da desintegração do corpo-próprio, que causa “fragmentação terrificante de um corpo reduzido a partes independentes e não-integradas” o desamparo se apresenta como uma manifestação positiva “deixando de ser apenas o horizonte da falta de garantias” (p.237). Nessas condições encontram-se o sujeito que, pelo ataque de pânico, diante da experiência de possibilidade da morte eminentemente, “parece tentar

levar sua experiência de desamparo a um nível mais extremo, mais insuportável, como forma de obter certo domínio sobre ela” em “um esforço extremo no sentido de capturar o inonimável” (Pereira, 2008, pp.39-40). Neste sentido, o ataque de pânico se apresentaria como tentativa de apaziguamento frente ao insuportável, do desamparo fundamental.

Ainda segundo Pereira (2008), “para Lacan, a dependência da criança em relação à mãe é sobretudo uma dependência de amor (desejo de desejo) e não vital” (p.232), sustentando que o desamparo do ser humano está para além da necessidade biológica. Nessa situação, há um correlato entre desamparo e o objeto *a*, na teoria lacaniana, estando o desamparo no estatuto de um resto não assimilável, fora da linguagem por uma precariedade fundamental que corresponde a uma dimensão de fragilidade da apreensão simbólica, ou seja, o desamparo estabelece-se como correlato daquilo que escapa ao simbólico (Pereira, 2008).

Birman (1999a) aponta a relação de “dívida com o outro” que se impõe ao sujeito frente à sua condição de desamparo. Segundo este autor, “o sujeito se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma dependência da qual jamais se libertará” (p.25) e com o qual estabelece uma dependência absoluta.

No desamparo há uma relação intrínseca com a castração. É a castração que anuncia para o sujeito a impossibilidade de completude, de alcançar o objeto perdido, desde sempre, e que estrutura o sujeito por sua relação com o falo, o que o coloca nas vias do desejo. O desamparo se apresenta como aquilo que emerge o sujeito da relação com o Outro, Outro que o sujeito supõe ser completo e que placaria sua falta. Há, neste contexto, um duplo sentido relativo ao Outro: por um lado possibilita o surgimento do sujeito, por outro lado, o apaga se não possibilitar ao sujeito uma via de acesso ao desejo.

É o desamparo que garante a relação com o Outro e esta relação implica no destino que o sujeito escolherá para o seu desamparo. Pereira (2008) aponta que na teoria lacaniana o desamparo é estruturante. De acordo com este autor, no pensamento lacaniano “o desamparo é

uma condição estrutural em face da qual o indivíduo deve se situar” (p.234). Assim, o desamparo em sua relação com o eu e a angústia lança o sujeito em busca do objeto perdido, objeto este, causa de desejo (Pereira, 2008).

A angústia apresenta-se, portanto, como algo positivo visto ser uma reação do eu em defesa em relação a seu desamparo. Este caminho irá conduzir o sujeito no atravessamento da dimensão imaginária pela via das coordenadas simbólicas. Em contrapartida, esse acesso ao simbólico produz alívio ao sujeito, mas leva-o a “uma organização simbólica do mundo que repousa sobre uma base de desamparo” (Pereira, 2008, p.236), o que denota a função original e fundamental do desamparo na constituição do sujeito.

Neste sentido, é pelo horror da castração do Outro, ou seja, por se deparar com a castração da mãe, enquanto Outro primordial, que o sujeito se depara com o lugar do vazio de significantes e terá que se haver com a falta de garantias revelada pela linguagem e que o fará avançar em busca de seu desejo, o posicionará fazendo uma barreira, possível, frente ao desejo do Outro.

Para Pereira (2008), “a angústia do sujeito é a de não saber ao certo quem mesmo ele é e que lugar ocupa em relação ao desejo onipotente” (p.233) do Outro. A angústia estaria desta forma na base do *Hilflosigkeit*, do desamparo. A angústia apresenta-se pela falta total de garantias do sujeito sobre o lugar que ele ocupa no desejo do Outro, pelo *Che vuoi?* e pelo *Quéquieres?* do sujeito em relação à opacidade do desejo do Outro.

Nessa perspectiva fica posta a concordância com Pereira (2008) de que “Toda angústia comporta em si o germe de um trabalho de elaboração da dimensão de desamparo” (p.169), uma tentativa de simbolização do transbordamento da situação de desamparo, de um sinal do eu que o sujeito não consegue enfrentar.

Isso evidencia que é por meio do Outro que dá contorno ao corpo do bebê, pelo investimento libidinal deste Outro primordial, que será possível ao infante se organizar, tendo

que se haver com o excesso do desejo do Outro, pois o mesmo Outro que possibilita ao infante emergir como sujeito, o desorganiza por uma presença excessiva, por um “excesso de presença, atendendo em demasia a demanda” (Fonseca, 2009, p.41) impossibilitando a falta faltar. A autora esclarece ainda que o excesso da presença do Outro marca a ausência do objeto como causa, produzindo no sujeito um excesso e perigo de desvanecimento.

A angústia é aquilo que não engana, pois nela está o objeto que a causa, a saber, o objeto pequeno *a*. É por meio da angústia que “é constituinte da inserção do sujeito na linguagem e na sua relação ao desejo do Outro” (Pereira, 2008, p.233) que o sujeito produz sua relação sintomática com o objeto de amor, na tentativa de apaziguamento de seus anseios. Dito de outro modo, a angústia está diretamente ligada ao desamparo devido à condição relacional com o objeto que está desde sempre perdido e que o sujeito busca encontrá-lo.

Segundo Fonseca (2009),

Apesar de afirmar que a angústia não se relaciona com a presença-ausência da mãe, é possível entrever no texto lacaniano a relação entre o objeto *a* e as primeiras experiências da criança com o Outro, numa aproximação evidente da *das Ding* freudiana; experiências relacionadas à constituição do sujeito e a sua separação do desejo do Outro (p.41).

Por essas considerações entende-se que é a relação entre a criança, o Outro e o objeto perdido, desde sempre, que está no cerne da questão da angústia e, consequentemente, do desamparo.

Para Menezes (2012b), “a angústia funda-se sobre a *Hilflosigkeit*” (p.63) e surge, em primeira instância, a partir do trauma do nascimento (angústia automática) e, posteriormente, como resposta a qualquer ameaça de instalação de uma situação traumática (angústia sinal).

Freud (1926[1925]/2006) destaca que:

A primeira angústia pela qual passa um indivíduo (no caso do ser humano, seja como

for) é o nascimento, e, objetivamente falando, o nascimento é uma separação da mãe. Poderia ser comparado a uma castração da mãe (equiparando a criança a um pênis). Ora, seria muito satisfatório se a angústia, como símbolo de uma separação, devesse ser repetida em toda ocasião subsequente na qual uma separação, ocorresse (p.129).

Por esse trecho, entende-se que a angústia surge como tentativa de separação do outro que tenta fundir-se ao sujeito. Menezes (2012b) destaca que é pela mediação do outro que o bebê vai vivenciar a primeira experiência de satisfação, colocando o bebê à mercê deste Outro primordial. Nesta experiência, o que está em jogo é a questão do desejo do Outro que ao cumprir a função de cuidados, a função materna, desempenha a erogeneização do corpo do bebê, promovendo a dependência deste com o amor, do Outro.

De acordo com Harari (1997),

O objeto que provoca a angústia no neurótico é *a a-Coisa*, ou seja, o desejo do Outro enquanto exige que o sujeito apague seus limites, entregando-se(-lhe) de forma incondicional. Lacan assinala que nesse lugar se encontra, supostamente, uma espécie de gozo que seria alcançado mediante tal entrega. Tal gozo não existe, mas nem porque esse gozo do Outro não existe, se deixa de acreditar nele. O sujeito, a partir de seu gozo parcial, limitado, restrito, enquanto fálico, presume a existência de um gozo total, ao qual não atribui outra localização senão a situável no campo do Outro (p.76).

Com isso a relação entre desamparo e angústia, que um não é sem o outro, estando em uma correlação intrínseca, cabe destacar como o sintoma do sujeito é produzido pela relação como forma de aplacar o desamparo e a angústia numa tentativa de apaziguamento do sofrimento, ou seja, é a forma como o sujeito organiza sua constituição, são as formas de subjetivação possíveis a cada sujeito falante.

Para Freud (1926[1925]/2006), o ego, enquanto organização de parte do id, tenta “impedir que os sintomas permaneçam isolados e alheios utilizando todos os métodos possíveis

para agregá-los a si de uma maneira ou de outra, e para incorporá-los em sua organização por meio desses vínculos” (p.101). Deste modo, o ego une-se ao sintoma para torná-lo parte dele mesmo.

Birman (2014) aponta que todo “sujeito é desamparado por vocação, não por acidente histórico-evolutivo” (p.40), apontando para a função fundamental do desamparo na constituição subjetiva. É pela ânsia de dar destino a seu desamparo que o ser humano irá produzir e se organizar subjetivamente, ligando-se a objetos.

Frente ao indiscutível destino do qual nenhum sujeito pode escapar, cabe analisar as vicissitudes possíveis para o desamparo do ser imerso na linguagem para compreender a forma com que se articulam o desamparo à escolha do parceiro amoroso no feminino.

Colocada a condição de desamparo que é constitutiva do sujeito, acompanhando o sujeito desde seu nascimento até a morte, cabe pensar a particularidade dos elementos da constituição subjetiva de mulheres que estabelecem e mantêm laços violentos.

1.2 Desamparo e suas vicissitudes⁴

O desamparo enquanto original da subjetividade apresenta-se como unânime em autores como Birman, Menezes e Pereira em leituras que fazem da obra freudiana. Partindo desse pressuposto, há que se pensar em quais as vicissitudes o desamparo coloca-se para o sujeito para ponderar, posteriormente, sobre a relação entre desamparo e devastação.

Para Menezes (2012b), não se pode negar a necessidade de cuidados, de amparo que o organismo do bebê humano precisa para sua sobrevivência. Porém, na perspectiva do

⁴Cabe destacar que o termo vicissitudes aqui empregado depreende-se por entender as manifestações do desamparo como algo não estático, visto que, em Psicanálise, há sempre o movimento na contínua produção dos processos de subjetivação. Nesse sentido, há uma relação intrínseca entre o desamparo e as pulsões, ou seja, ambos são fundantes do psiquismo e estão presentes em todo o processo de desenvolvimento do sujeito e no decorrer de toda a vida.

psiquismo, esta relação do bebê com o outro irá implicar em “uma série de vicissitudes na vida do sujeito” (pp.36-37).

A autora, ao destacar dois momentos importantes sobre a noção de desamparo na obra freudiana, localiza uma face erótica e sexual do desamparo “que diz respeito ao infantil e à sexualidade traumática vinda da mãe – o desamparo original estruturante do psiquismo” (Menezes, 2012b, p.95) e que se encontra no texto freudiano *Inibições, sintomas e angústia* (1926[1925]/2006) e uma face da falta de garantias sobre seu existir e seu futuro, desenvolvida nos textos *O futuro de uma ilusão* (1927/2006) e em *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/2006) que pondera sobre a necessidade de renúncia pulsional de que o sujeito experiencia para viver em sociedade, o que causa um mal-estar pela satisfação frustrada (Menezes, 2012b).

Tais colocações apontam para uma dualidade em relação ao desamparo: original e fundante do sujeito e por outro lado, que se organiza no estabelecimento de laços sociais. É pelo desamparo psíquico que o sujeito vai criar ilusões na tentativa de apaziguamento de seu mal-estar, ilusões, estas, sempre em relação ao outro.

Desta forma, Menezes (2012a) explica que há duas vias de destinos possíveis para o desamparo:

O enfrentamento da condição de desamparo é fundamental para o desenvolvimento psíquico e para a manutenção da civilização, para viver as pessoas procuram destinos para seu desamparo, sejam destinos criativos (sua aceitação), sejam destinos funestos (seu evitamento) (p.176).

Nesta perspectiva, a autora demonstra que os destinos possíveis para o sujeito em relação ao desamparo se colocam por sua fragilidade estrutural. O sujeito não pode escapar ao desamparo (condição da qual sujeito algum escapa) e, com isso, as possibilidades acenadas ao sujeito frente ao desamparo são aceitar ou evitar sua condição.

Birman (1999) atribui ao masoquismo⁵ um delineamento da maneira pela qual o desamparo se “encorpa e se incorpora” (p.28), sendo este, um efeito da angústia real. Destaca, ainda que o masoquismo, em suas formas – erógeno, feminino e moral – estabelece diferentes critérios distintivos para a condição fundamental de desamparo. Considera que no masoquismo erógeno, o desamparo original seria reconhecido e, com isso, a possibilidade de estruturação subjetiva possível, enquanto que, nos masoquismos moral e feminino, há a recusa do desamparo, o que submeteria o sujeito ao outro para sustentar essa recusa.

O autor citado destaca, no mesmo texto, que o masoquismo se coloca como “posição crucial, seja como configuração estruturante, seja como forma de subjetivação defensiva” (p.29) em relação ao desamparo fundamental, em que a mediação do masoquismo erógeno produziria a ação do sujeito no enfrentamento ao desamparo, ou seja, uma ação para a constituição do corpo erógeno, do sujeito do desejo, e que a ausência dessa mediação produz uma subjetividade petrificada nas modalidades do masoquismo feminino e moral, modalidades equivalentes à submissão ao outro.

Em outro texto, Birman (2014) destaca que o sujeito que se encontra na posição de desamparo é tomado pelo excesso por ser acometido por uma “pressão constante das forças pulsionais” (p.47) que o inundam e o colocam em diferentes direções. Deste modo, o sujeito no qual o destino possível do seu desamparo passa por seu evitamento, é, em contrapartida, invadido por aquilo do qual se quer evitar, dando, assim, um destino funesto para seu desamparo, sendo tomado por seu excesso. Aquilo que se tenta evitar é o que o invade.

Pela via do evitamento são produzidas duas construções de subjetividades: masoquista ou perversa. Essas subjetividades produzem-se pela impossibilidade de suportar o desamparo tornando-se, portanto, destinos funestos.

Menezes (2012a), ao ponderar sobre a herança histórica do escravismo, destaca que esta

⁵ A questão do masoquismo nos processos de subjetivação será pormenorizada no subitem seguinte deste mesmo capítulo.

deixa marcas. Tal herança produz efeitos que resultam em formas de subjetividade marcados pela passividade e estabelecem um modelo identificatório de domínio com um mecanismo perverso. Esta problemática contribui com esta pesquisa para pensar sobre a relação de servidão que as mulheres estabelecem com seu parceiro amoroso nos vínculos violentos, pois a submissão presentifica-se. A autora ressalta que a submissão à montagem baseada na lógica do domínio é um dos destinos que os sujeitos encontram frente ao seu desamparo.

Neste sentido, a montagem perversa estabelece uma relação de contrato entre dominante e dominado e compõe uma trama em que os sujeitos encontram um destino possível frente ao seu desamparo original. Para Menezes (2012b),

Um dos maiores problemas dessa situação é que ela impede o ser humano de criar novas formas de viver no contexto histórico em que está inserido. Podemos dizer que as formas típicas de subjetivação contemporâneas são tentativas neuróticas e perversas de restaurar, num plano imaginário, a proteção onipotente por meio do gozo masoquista. Para fugir da condição originária de desamparo, para a qual sabemos não há saída, o sujeito pode estabelecer com o outro uma relação de servidão figurada pelos masoquismos moral e feminino, por exemplo, como dissemos acima. Sob esse ponto de vista, o masoquismo secundário poderia ser visto como uma defesa contra o erógeno, tendo em vista que o masoquismo primário (erógeno e originário) estaria fortemente associado à experiência de desamparo da criança, na sua dependência de um outro que satisfaça suas necessidades. Destaca-se aqui a importância da economia do masoquismo na experiência de subjetivação (p.117).

Compreende-se que uma das formas de significar o estado de falta de ajuda é pela tentativa de fuga do desamparo em que o sujeito, ao presentificar-se sem saída, estabelece a relação de servidão com o outro. Contudo, esta forma de saída para o desamparo, coloca um impasse para o sujeito ao paralisá-lo na dependência do outro.

Fonseca (2010) destaca que refletir sobre os tipos de masoquismo no sujeito continua atual e pertinente. Para o autor, o masoquismo é “um grande problema ligado à existência e à origem da subjetividade humana” (p.145) e há que se aproximar de tais discussões para se pensar, na contemporaneidade sobre as modalidades de submissão, de autodestrutividade e de servidão voluntária como forma de organização psíquica em relação com o masoquismo.

Em outra perspectiva, Camargos, Prochno e Romera (2009) assinalam que há pelo menos dois caminhos possíveis para o desamparo do sujeito. Um caminho que lança o sujeito para o crescimento, para a luta e outro caminho que o paralisa, estaciona, aprisiona o sujeito. Tais considerações se colocam pela forma com que os sujeitos lidariam com as situações inusitadas de suas vidas e que os sujeitos por um lado, as enfrentariam ou, por outro, paralisariam diante das situações.

Em outra vertente, a problemática do desamparo apresenta-se correlacionada à constituição do psiquismo e dos ideais. Menezes (2012b) destaca que desde o início da obra freudiana, mais precisamente no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/2006), Freud coloca o desamparo como um dos dois fatores responsáveis pela gênese do supereu.

De acordo com o texto citado, para Freud (1895/2006), “o desamparo inicial de todos os seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (p.370). Por esse trecho, entende-se que desde o princípio do pensamento freudiano, o desamparo original é fundante, está presente na constituição do sujeito, logo, constituinte do supereu por sua relação entre o ideal e a interdição (Menezes, 2012b).

Ao articular as ponderações feitas, pode-se estabelecer co-relação entre os destinos criativos (aceitação) e enfrentamento do desamparo e por outro lado, destinos funestos (evitamento) e aprisionamento na própria condição de desamparo.

De acordo com Birman (1999b), a feminilidade se articula com o desamparo pela inquietação e horror causados pela ausência da ordem fálica, da falta de garantias, pela

defrontação com a finitude e incompletude. Birman (1999b) esclarece que:

a condição originária e inultrapassável do sujeito é a de estar desamparado em face do seu corpo e do seu mundo, não podendo contar pois com defesas seguras diante do perigo e da dor. Adviria daí o trauma e a angústia, reveladores desse desamparo originário (p.52).

Dessa forma, pode-se supor que há intrínseca relação entre o horror à feminilidade e o enfrentamento do desamparo por ambos suscitarem no sujeito a condição de falta, da imperfeição humana da qual o sujeito não pode escapar.

1.3 Masoquismo e suas relações com o processo de subjetivação

Há, em Psicanálise, uma estreita relação entre o desamparo e o masoquismo. De acordo com Paravidini e Gonçalves (2009),

O masoquismo deve ser pensado em sua estreita relação com a condição humana do desamparo. Quando se vê lançado em contato com sua condição faltante, o sujeito busca se colar ao outro como uma forma de saída de seu desamparo. Nessa busca de proteção, a servidão é o preço pago pelo masoquista para se atrelar ao outro (p.1195).

Deste modo, faz-se interessante elucidar sobre a relação do desamparo com as manifestações masoquistas. Este aspecto faz enredar as particularidades de mulheres que estabelecem vínculos violentos, objeto desta pesquisa.

No desenvolvimento da obra freudiana, é possível encontrar diferentes momentos de construção sobre o fenômeno do masoquismo. Contudo, a descrição pormenorizada é encontrada no importante texto *O problema econômico do masoquismo* (1924/2006). Porém, cabe percorrer o caminho na evolução do pensamento freudiano para uma análise minuciosa da construção do conceito.

Inicialmente, Freud (1905/2006) em *Três ensaios sobre teoria da sexualidade* traz destaque à questão do masoquismo apontando-o como uma perversão sexual e fazendo dualismo com seu par oposto, a saber, o sadismo. Neste texto, Freud (1905/2006) pondera sobre a condição de todos os sujeitos a uma disposição perversa polimorfa que induziria a criança, motivada por um sedutor, a transgressões, o que demonstraria tal disposição. Segundo o autor, nesse momento, as crianças não possuem ainda ou estão em formação, “a vergonha, o asco e a moral” (p.180), que seriam resistências contra os excessos sexuais. Em função disso, Freud (1905/2006) esclarece que “em condições usuais, ela (a criança) pode permanecer sexualmente normal, mas, guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual” (p.180). O autor atribui a essa disposição polimorfa, considerada infantil, logo, uma perversão, um caráter originário e da universalidade humana.

Posteriormente, no artigo metapsicológico *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud (1915/2006) pondera acerca das pulsões⁶ destacando quatro variações que as sucedem, levando em conta suas características: fonte, pressão, finalidade e objeto.

Dentre as vicissitudes que perpassam as pulsões, Freud (1915/2006) destaca a reversão ao seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu, a repressão e a sublimação. O autor, contudo, aponta com destaque especial o exame das duas primeiras vicissitudes. No que tange ao tratamento da vicissitude da pulsão de reversão a seu oposto, Freud (1915/2006) cita o par de opostos sadismo-masoquismo em que “a reversão afeta apenas as finalidades das pulsões” (p.132), sendo que, segundo o autor, a finalidade ativa é substituída pela finalidade passiva. Quanto à segunda vicissitude apontada por Freud (1915/2006), o retorno da pulsão em direção ao próprio eu, há a reflexão sobre o masoquismo enquanto sadismo redirecionado ao próprio

⁶ Em Freud (1915/2006), o conceito de pulsão apresenta-se como conceito limite entre o psíquico e o somático. Na Edição Standart Brasileira, este termo aparece como “instinto”, contudo, o termo pulsão é utilizado como uma tradução mais fidedigna de *Trieb* ao conceito freudiano. Para o autor a pulsão surge no ato de sugar do bebê ao seio materno, produzindo, assim, pela erotização da criança com o ato de churchar, uma satisfação plena, alucinada que fará com inicie uma busca incessante por alcançar a satisfação.

corpo.

Para Andrade (2012), o masoquismo recebe dois momentos na metapsicologia freudiana. Inicialmente, no texto *A pulsão e suas vicissitudes* (Freud, 1915/2006), o masoquismo é nomeado como oposto ao par sadismo e uma das vicissitudes da pulsão, sendo que o sadismo seria o movimento da pulsão para o exterior e o masoquismo, em oposição, voltar-se para o organismo. O masoquismo é, neste sentido, a reversão do sadismo sobre o próprio sujeito.

Andrade (2012) destaca ainda que, no segundo momento, Freud (1924/2006), no texto *O problema econômico do masoquismo*, eleva o masoquismo ao estatuto de originário, como sendo uma reação frente ao ataque das pulsões de morte, opondo, assim, Eros a Tânatos; ou seja, pulsão de vida e pulsão de morte. Neste sentido, o masoquismo apresentar-se-ia como guardião da vida e estabilizador das descargas pulsionais.

A elaboração teórica freudiana sobre a questão do masoquismo, portanto, avança e Freud (1924/2006) eleva o estatuto do masoquismo, renovando-o, atribuindo primazia ao masoquismo erógeno. Sobre este ponto, Freud (1920/2006) já havia reconhecido em *Além do princípio do prazer*, texto no qual o autor sugere que “*pode haver um masoquismo primário*” (p.65), ressaltando a primazia do masoquismo que foi, posteriormente, desenvolvida.

É, portanto, em 1924 que Freud destacadamente apresenta o masoquismo erógeno como sendo o responsável pela “condição imposta à excitação sexual” (p.179), conferindo-lhe o estatuto de primário e originário. Posteriormente, o autor ressalta que essa forma do masoquismo, de prazer no sofrimento, “jaz ao fundo das outras duas formas” (p.179), o masoquismo feminino e o moral, o que reafirma a condição originária do masoquismo erógeno, sendo, portanto, fundante dos tipos secundários. Cabe destacar que o prazer no sofrimento refere-se ao masoquismo erógeno se apresentar como retorno do sadismo sobre o próprio corpo, como uma vicissitude da pulsão que retorna ao seu oposto, e que confere ao masoquismo a

função de contenção do excesso pulsional, no sentido de preservação da vida, conforme anteriormente discutido por Freud em 1915. Dessa ponderação sobre o sadismo, entende-se que o masoquismo secundário (feminino e moral) apresenta-se como o sadismo que havia sido investido para fora do eu que é, neste momento, introjetado e acrescentado ao masoquismo original.

Além disso, Freud (1924/2006) correlaciona o masoquismo com a questão do governo dos processos mentais pelos princípios de prazer, de nirvana e de realidade. O autor estabelece vinculações dos princípios em relação às pulsões de vida, de morte e a realidade, para a regulação dos processos da vida. Apresenta equivalência da pulsão de vida (libido) em relação ao princípio do prazer, da pulsão de morte em consonância com o princípio de nirvana e o princípio de realidade como o representante das influências sofridas pelo mundo externo. Desta forma, a ação dos três princípios é reconhecida como, embora conflitante em certos aspectos devido à busca por objetivos diferentes, sendo exercidas mutuamente.

Menezes (2012b), sob o prisma deste segundo momento da obra freudiana, no qual o masoquismo erógeno recebe o estatuto de primário e originário (e que a autora nomeia como segunda tópica, considerando-a como teoria definitiva para o masoquismo), destaca que há uma estreita relação entre desamparo e o masoquismo. Para a autora, “*o masoquismo original está ligado à estruturação do psiquismo, ficando assim associado ao desamparo original*” (pp.114-115).

Segundo Paravidini e Gonçalves (2009), no masoquismo erógeno o desamparo é reconhecido não como uma forma negativa, mas como marca da identidade do sujeito em sua condição de falta. Segundo os autores, “sob o primado do masoquismo erógeno, o sujeito não procura negar ou escapar de sua fragilidade, pois é acolhendo-se em suas contingências que ele se implica subjetivamente no cuidado de si e com as demandas da vida” (p.1196).

No que tange ao masoquismo secundário, comprehende-se que há um apagamento do

sujeito na busca por apaziguar sua condição de desamparo. Nesse sentido, Paravidini e Gonçalves (2009) esclarecem que no

masoquismo secundário, mais do que promover a associação entre prazer e dor, o que merece destaque é uma posição de servidão ou assujeitamento ao outro, assumida como possibilidade de saída do desamparo. Nesta direção, mais do que vítima, o masoquista pode ser evidenciado pelo desejo de encontrar segurança e proteção, reverenciando uma figura tirânica (p.1196).

Ao ponderar sobre o masoquismo feminino, Freud (1924/2006) salienta que o mesmo manifesta-se nas fantasias dos indivíduos a partir de conteúdos “de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e aviltado” (p.179).

Em função disso, Freud (1924/2006) tece considerações no sentido de que “a interpretação óbvia, à qual facilmente se chega, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas, particularmente, como uma criança travessa” (p.180).

É neste contexto que se depreende em Freud (1924/2006) uma ligação estreita entre o masoquismo feminino e o infantil. O autor assinala que as fantasias masoquistas “colocam o indivíduo numa situação characteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar a luz a um bebê” (p.180); e, desse modo, nomeou este tipo de masoquismo como feminino, apesar de possuir muitas características que apontem para o infantil.

Quanto ao masoquismo moral, Freud (1924/2006) indica como característica o que “é principalmente notável haver afrouxado sua vinculação com aquilo que identificamos como sexualidade” (p.183). O que está em jogo nesta manifestação secundária do masoquismo é o sentimento de culpa inconsciente, e há uma tensão entre o eu e o supereu.

Nesse sentido, Menezes (2012b) aponta que:

Essas formas de masoquismo se constituem, para Freud, em modalidades psicopatológicas, na medida que visariam o apagamento da condição de desamparo pelo apelo desesperado e sempre recomeçado ao pai protetor onipotente. Trata-se da identificação fálica do sujeito, da posição do sujeito em relação à mãe fálica, onipotente, não faltante. O que está em jogo aqui é a posição masoquista no circuito pulsional. Frente ao impacto pulsional, para se proteger do desamparo radical, o sujeito se oferece como escravo em troca de uma segurança ilusória. Essa questão articulada à cena social atual implica efeitos sob a forma de um pacto: “você me protege do desamparo, e em troca eu me submeto a qualquer coisa” (pp.115-116).

As formas secundárias do masoquismo, feminino e moral, apresentam-se como saídas frente ao desamparo, estando equiparadas ao destino funesto – em conformidade com as vicissitudes do desamparo destacadas anteriormente neste texto – na tentativa de evitamento do desamparo, apagando-se da sua condição de sujeito.

CAPÍTULO II - A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FEMININO

Com efeito, percorrer o universo da feminilidade implica aventura, antes de mais nada, já que supõe uma viagem pelo imprevisível e no limite do indizível.

Cartografias do Feminino. Joel Birman, 1999b, p.10

Neste capítulo será abordada a questão do Complexo de Édipo para a compreensão da constituição do sujeito feminino partindo da teoria de Freud e avançando até as construções feitas por Lacan. Ainda, fazer este percurso nas trilhas de teóricos contemporâneos que ponderam sobre o tema, auxilia a analisar o tipo de escolha de objeto feita por mulheres na parceria amorosa, visto que, a partir do Édipo estabelecem-se efeitos indeléveis da relação com o Outro que marcarão as posteriores escolhas amorosas.

2.1 Freud e os impasses do Complexo de Édipo na menina

A questão do Complexo de Édipo para a menina constitui-se, em Freud, um longo trajeto percorrido e por vezes, revisitado, com vistas ao alcance de uma teorização que estabelecesse particularidades acerca do universo feminino. Interessa, portanto, apresentar as particularidades na constituição do sujeito feminino que, para Freud, situa-se como um impasse, visando buscar elementos para a compreensão da escolha do parceiro em que há o enlace violento.

Freud (1940[1938]/2006), no texto publicado postumamente, *Esboço de Psicanálise*, retoma as questões centrais da Psicanálise destacando o Complexo de Édipo como conceito principal que estrutura e organiza o sujeito e sua escolha de objeto. De acordo com o autor, “o primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta” (p.202); e, inicialmente, a criança não reconhece a diferença entre ela e o seio, sendo que ao reconhecer a exterioridade do seio distinto de seu próprio corpo, a criança passa a complementar esse primeiro objeto com

a própria mãe, pelos cuidados dispensados por ela (o que desperta na criança sensações físicas agradáveis, mas também desagradáveis).

Através dos cuidados com o corpo da criança, ela (a mãe) se torna seu primeiro sedutor.

Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como o protótipo de todas as relações posteriores para ambos os sexos (Freud (1940[1938]/2006, p.202).

Deste modo, Freud (1940[1938]/2006) discorre sobre o caminho percorrido até este ponto do desenvolvimento psíquico que equivale-se, de forma unária, para ambos os sexos e que, posteriormente, irá encontrar caminhos distintos em sua constituição.

Bleichmar (1984) aponta que há três momentos de elaborações sucessivas sobre o complexo de Édipo na teoria freudiana. Para o autor, a questão do Édipo enquanto estrutural do sujeito não surge nas primeiras elucubrações freudianas, vindo a tornar-se *a posteriori*.

Seguindo a leitura de Bleichmar (1984) sobre a construção do Édipo em Freud, a primeira formulação surge em uma exposição feita em carta que Freud enviou a Fliess em 1897. Nesta exposição, o autor aponta como uma revolução nas construções freudianas de que há “o desejo amoroso pelo progenitor do sexo oposto e o desejo hostil em relação ao progenitor do mesmo sexo, desejo hostil este que culmina no ódio da morte” (p.10).

Ainda seguindo Bleichmar (1984), na segunda elaboração acerca do complexo de Édipo em Freud, o autor destaca como marco importante os textos *Psicologia de Grupos e análise do eu* (1921/2006) e *O eu e o isso* (1923/2006) mencionando que estes textos se referem à saída do Édipo em sua relação com as identificações. Para Bleichmar (1984), nesta segunda elaboração freudiana, é como consequência das identificações que se forma o supereu, herdeiro do Édipo, e, portanto, “o Édipo aqui adquire um caráter mais estruturante da personalidade, porque já não aparece somente constituindo o inconsciente sobre a base de uma fundação

anterior” (p.14), sendo que agora integra toda a arquitetura da constituição subjetiva.

O terceiro momento da elaboração freudiana sobre o complexo de Édipo, de acordo com Bleichmar (1984), é marcado pela diferença entre o Édipo para a menina e para o menino, não sendo, portanto, análogo. Esta diferenciação surge nos textos *A organização genital infantil* (1923/2006) e termina em *Sexualidade feminina* (1931/2006), porém, Bleichmar (1984) destaca que “não vem claro ainda, nestas formulações mais tardias sobre o Édipo, qual é a função, o que é que a mãe quer. Ou seja, o que acontece na totalidade da estrutura edípica” (p.14).

Retomando a elaboração teórica de Freud (1908/2006), em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, o autor aborda a questão da constituição dos sujeitos neuróticos, partindo da premissa do que denominou, inicialmente, complexo nuclear da neurose (que, posteriormente, nomearia como Complexo de Édipo). Neste texto, Freud discorre que o complexo nuclear das neuroses se estruturaria devido às investigações das crianças sobre a sexualidade humana e menciona que são tais investigações que se tornam “o conjunto das opiniões reprimidas e inconscientes” (p.195).

Ainda nesse texto, Freud (1908/2006) desenvolve a teoria apontando que a primeira teoria sexual infantil atribui a todos os seres humanos a posse do pênis, estabelecendo a universalidade de suas pesquisas. Entretanto, destaca, anteriormente, que as observações contidas no artigo seriam aplicadas principalmente ao desenvolvimento sexual do sexo masculino.

Por esse viés, Freud (1908/2006) entende que as impressões que o menino constrói sobre a menina dão lugar, primeiramente, à negação da percepção do órgão castrado, sob a prerrogativa de que o órgão ainda é pequeno, mas crescerá para, posteriormente, sob a ameaça da castração (de ter seu pênis cortado ao ser surpreendido pela manipulação do mesmo) e reconhece então, a menina como “mutilada” (p.197).

Freud (1908/2006) continua dizendo que as meninas compartilham a ideia do primado

do pênis, desenvolvendo, inicialmente, um interesse pelo órgão masculino que, posteriormente, dará lugar ao *penisneid*⁷ ou seja, à inveja do pênis, inveja do órgão masculino.

É a partir das considerações sobre a formulação da concepção da mãe como primeiro objeto de amor da criança que o menino terá sua entrada no Édipo. Para a menina, a entrada ocorre em momento posterior e muito específico, pela condição da castração.

O menino sai da relação de amor com a mãe pela castração. É o medo de ser castrado que o faz abandonar seu primeiro objeto amoroso, ao passo que, na menina, a castração a faz rivalizar com a mãe, por ela tê-la privado do falo. Sendo assim, para o menino, a solução do complexo de Édipo ocorre pela castração enquanto que, para a menina, é a castração que inicia sua entrada no Édipo.

Cabe destacar que o complexo de Édipo, em Freud, possui três momentos demarcados que são a fase pré-edípica, o Édipo, propriamente dito e a saída do Édipo. Estas fases avançam na teoria lacaniana para tornarem-se três tempos distintos, com marcas diferentemente expressas que partem das premissas freudianas, porém trazem elementos importantes para a constituição subjetiva, e, por isso, serão abordadas posteriormente.

No texto *O eu e o isso*, Freud (1923a/2006) aponta a questão do ideal do eu e sua relação com a escolha objetal destacando, como resultado, o desfecho da identificação com o objeto primário. Para o autor, o ideal do eu constitui-se como “a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria história pessoal” (p.44). Em nota de rodapé, Freud (1923a/2006) acrescenta, contudo, que seria “mais seguro” (p.44) tratar a questão da identificação da valoração do ideal do eu não somente com o pai, mas com “os pais”, visto que a criança, por um determinado período, antes do conhecimento da diferença entre os sexos, não faz distinção entre eles.

⁷ Para Drummond (2012), o termo *Penisneid* aparece inicialmente na obra freudiana como inveja do pênis no sentido do ciúme da menina em relação ao menino que tem o órgão e que se apresenta na relação primitiva da mulher com a mãe.

Em seguida, Freud (1923a/2006) esclarece que há na discussão sobre a escolha objetal uma complicação, o que faz necessário abordar o tema de forma pormenorizada. Para o autor, “a dificuldade do problema se deve a dois fatores: o caráter triangular da situação edipiana e a bissexualidade constitutiva de cada indivíduo” (p.44).

Inicialmente, Freud (1923a/2006) trata a questão do complexo de Édipo como sendo análoga para ambos os sexos, ou seja, o desfecho do complexo de Édipo seria, para ambos os sexos, a disposição masculina ou feminina, dependendo da identificação com o pai ou com a mãe.

Em *A organização genital infantil*, Freud (1923b/2006) retoma a questão da sexualidade infantil e a questão da escolha de objeto para retificar algumas considerações feitas no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905. Para o autor, “a aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além (da primazia dos órgãos genitais) e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto” (p.158).

A partir de tais considerações, Freud (1923b/2006) revê os fundamentos da primazia dos órgãos genitais apontando que, para ambos os sexos, o que se apresenta não é a primazia dos órgãos genitais e sim a primazia do falo.

Com isso, a problemática que se instaura nesse momento na obra freudiana, ou seja, a primazia do falo, retomada posteriormente por Lacan, é o que se estabelece como diferença entre o Complexo de Édipo para o menino e para a menina.

De forma geral, o princípio, o seio materno é o objeto primordial para ambos os sexos e, por localizar-se na mãe, esta torna-se o primeiro objeto de amor de ambos os sexos, seu Outro primordial⁸. É justamente, desta relação primordial com a mãe que a menina nunca irá separar-se. Para André (1998), “o pai não faz, realmente, desaparecer, para a menina, a relação primária com a mãe” (p.171), estabelecendo-se, assim, uma “pré-história” do complexo

⁸ A questão do Grande Outro, que é um termo cunhado por Jacques Lacan, será abordada pormenoradamente no tópico que tratará da questão do Complexo de Édipo em Lacan.

de Édipo feminino.

Desta forma, a obra freudiana delineia-se pelas descobertas de Freud que apresentam-se, inicialmente, com a teoria da “Universalidade do Pênis” (1908/2006) e, posteriormente, pela alternância para a “Primazia do Falo”(1923b/2006). Tal diferença é central na evolução do pensamento freudiano e faz-se imprescindível estabelecer o contraponto entre as duas teorias para a compreensão do avanço teórico referido.

Quanto à teoria da “Universalidade do Pênis”, Freud (1908/2006) em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, explica que o menino, ao se deparar com a anatomia feminina, não reconhece a falta. De acordo com André (1999), neste momento, o menino “não vê que o pênis está ausente ali, mas diz que ele está ali, escondido” (p.172), e que crescerá. Em relação à menina, Freud (1908/2006) aponta que ela partilha da mesma opinião de seu irmão e sente-se em desvantagem e com inveja de seu membro. Há, portanto, nesta teoria, o medo da castração pelo menino enquanto que, para a menina, há a inveja do pênis.

Posteriormente, em *O eu e o isso*, Freud (1923a/2006) lança mão da transição da teoria que era centralizada no pênis (órgão genital) para relacionar este órgão ao falo, ou seja, a questão não gira mais em torno da universalidade do pênis, mas sim no Primado do Falo. O pênis não é mais universal a todos os sujeitos. O que Freud (1923a/2006) destaca é o falo enquanto existente ou ausente pela castração. Segundo André (1999), “se o falo tem uma relação íntima com o órgão masculino, é na medida em que designa o pênis enquanto faltoso ou suscetível de vir a faltar” (p.172).

Isso evidencia que a questão da falta, ou seja, a questão da castração, apresenta-se de forma bastante adversa para os sexos, ponto crucial para a discussão sobre a particularidade da escolha de objeto do sujeito feminino. Para o menino, a castração representa uma presença que pode ficar ausente, enquanto que para a menina, a ausência representa uma presença que falta.

Entretanto, a questão da falta na teoria freudiana gira em torno do falo. O avanço na

teoria lacaniana problematiza sobre a significação do falo e aponta para outra dimensão do objeto enquanto falta, o objeto *a*, mencionando-o como objeto causa do desejo.

2.2 Lacan e os três tempos do Édipo

A teorização lacaniana parte de princípios freudianos para uma releitura e reelaboração de questões obscuras deixadas por Freud. Cabe problematizar acerca das particularidades do processo de subjetivação dos sujeitos femininos nesta releitura.

Dentre os diversos conceitos freudianos revisitados por Lacan, o complexo de Édipo adquire estatuto estruturante⁹ do sujeito. Ao rever a obra de Freud, a teoria lacaniana reorganiza o Édipo antes pensando pela divisão Pré-Édipo, Édipo propriamente dito e saída do Édipo em três tempos que serão marcados na relação entre processo de estruturação do sujeito distinguidos por três modalidades da falta de objeto, a saber, castração, frustração e privação, que serão abordadas a seguir.

Faz-se imprescindível esclarecer que será estabelecida uma leitura dentre outras possíveis da questão do Édipo em Lacan, revisitando o teórico e alguns autores contemporâneos a ele. Não há o intuito de esgotar as possibilidades de leitura do tema na obra lacaniana, mas fazer um recorte na busca pela elucidação do objeto desta pesquisa.

Para Lacan (1952/2008), a relação estabelecida entre pai/mãe/sujeito, “só adquire seu valor pela apreensão que o sujeito teve dela” (p.25). Assim, o autor destaca o valor de mito do complexo de Édipo.

O mito é o que dá uma formulação discursiva a algo que não pode ser transmitido na

⁹ As elaborações lacanianas propõem a noção de estruturas subjetivas, a saber: neurose, psicose e perversão. Apesar desta noção estruturante do Complexo de Édipo já se fazer presente na obra freudiana, pode-se dizer que em Lacan, propriamente, ela ganha escopo teórico fundante da subjetividade.

definição da verdade, porque a definição da verdade só pode se apoiar sobre si mesma, e é na medida em que a fala progride que ela a constitui. A fala não pode apreender a si própria, nem apreender o movimento de acesso à verdade como uma verdade objetiva. Pode apenas exprimi-la – e isso de forma mítica. Nesse sentido é que se pode dizer aquilo em que a teoria analítica concretiza a relação intersubjetiva, e que é o complexo de Édipo, tem valor de mito. (Lacan, 1952/2008, p.13).

Com isso, há que se pensar no complexo de Édipo como um fundador da subjetividade e, portanto, fundamental para que advenha o sujeito a partir da relação com o outro. Dor (1989) destaca que o “Édipo convoca esta relação intersubjetiva a encontrar um ponto de assunção no registro simbólico, ele é um processo estruturante para o sujeito” (p.76).

O Édipo, portanto, delimita a introdução do sujeito no campo simbólico, marca instaurada pela lei da simbolização. Santuário (2004) destaca que o Édipo é o momento de transição do imaginário para o simbólico pela lei fundamental operada pelo Nome-do-Pai e que irá introduzir o significante do sujeito, e seu funcionamento, nomeando o sujeito como homem ou mulher.

Porém, anterior à entrada da criança no Complexo de Édipo, como advento do tornar-se sujeito, a teoria lacaniana propõe a teoria do estádio do espelho como processo no qual ocorre a alienação e reconhecimento imaginário da criança, na qual esta encontra-se assujeitada. Este processo, para Dor (1989), simboliza a pré-formação do eu.

Dor (1989) destaca que o estádio do espelho organiza-se em três tempos fundamentais. Segundo o autor, o primeiro tempo compreende, para a criança, a primeira confusão entre si e o outro, sendo, desta forma, marcado pelo assujeitamento da criança ao registro do imaginário¹⁰.

¹⁰ Os registros R.S.I.- Real, Simbólico e Imaginário - compreendem, na teoria lacaniana, espaços da organização subjetiva. O Real – que não se trata da realidade – é o lugar do inominável, o Simbólico consiste na apreensão que o sujeito faz do que é vivido na realidade e o Imaginário é a relação do sujeito com a imagem corporal, com o seu ideal, com o outro semelhante (a-a'). É a partir do enlaçamento entre os registros para a formação do nó borromeano, da forma como esse nó se dará na constituição do sujeito que estarão definidas as estruturas clínicas

O segundo tempo é marcado como decisivo no processo identificatório por consistir no momento em que a criança faz a descoberta de que o outro no espelho não é real, mas uma imagem, visto que, “no geral, seu comportamento indica que ela sabe, de agora em diante, distinguir a imagem do outro da realidade do outro” (p.80). No terceiro tempo, há a aquisição da imagem do corpo próprio. Este tempo dialetiza os dois tempos anteriores, e “recupera a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada” (p.80). Esta terceira etapa do estádio do espelho é marcada pelo reconhecimento da aquisição do corpo próprio, na qual “a criança está segura de que o reflexo do espelho é uma imagem, mas, sobretudo, porque adquire a convicção de que não é nada mais que uma imagem, e que é dela” (p.80).

Após a ascensão ao registro Imaginário pelo estádio do espelho, a criança sairá dessa fase identificatória e passará a já esboçar um sujeito. Ainda nesta etapa, o que há é somente um esboço de sujeito, visto que a criança ainda se encontra em relação de indistinção quase fusional com a mãe e ainda tenta identificar-se com o objeto de desejo da mãe (Dor, 1989).

A criança ainda permanece radicalmente assujeitada ao desejo da mãe, buscando, assim, identificar-se com o falo materno, ou seja, com o objeto, único e exclusivo, que supostamente falta à mãe, e que a completaria.

De acordo com Dor (1989),

Esta identificação, pela qual o desejo da criança se faz desejo do desejo da mãe, é amplamente facilitada, e até induzida, pela relação de imediação da criança com a mãe, a começar pelos primeiros cuidados e a satisfação das necessidades (p.81).

Partindo dessa premissa, o que se coloca é a questão da alienação da criança ao que ela se encontra sob as insígnias de completar a mãe em seu desejo. O que a criança supõe ser o desejo da mãe é o falo, que a completaria, e, logo, seu desejo é ser o falo da mãe.

Nesta perspectiva, o primeiro tempo do Édipo fica marcado, sob a dialética do Ser. Para

da neurose, psicose ou perversão. De acordo com Jorge e Ferreira (2005), o aparelho psíquico é constituído a partir dos três registros heterogêneos RSI.

Dor (1989), a criança alienada na problemática fálica está entre o ser ou não ser o falo materno.

Portanto, o primeiro tempo é compreendido sob a triangulação Mãe/Criança/Falo.

Ao explanar sobre o primeiro tempo do Édipo na teorização lacaniana, Bleichmar (1984) sugere que neste tempo pode-se considerar dois personagens e sua relação: a mãe e a criança¹¹. Para o autor, a criança deseja ser o objeto de desejo da mãe, ser o que a mãe deseja, sendo que, neste momento, “seu desejo é desejo do outro, em duplo sentido, ou seja, ser desejado pelo outro e tomar o desejo do outro como se fora o próprio” (p.27).

Bleichmar (1984) ressalta ainda que o que faz com que a criança deseje ser o objeto de desejo da mãe não é “a dependência vital, mas sim a dependência de amor” (p.27). Com isso, o que está em questão neste primeiro tempo do Édipo lacaniano é a identificação da criança: a criança crê ser o falo, ou seja, crê ser o objeto de desejo da mãe e, por ser o objeto que faz a mãe feliz, crê que a mãe a ama.

É, portanto, no “ternário imaginário” ¹² deste primeiro tempo do Édipo que a criança supõe ser para a mãe seu objeto de desejo, que se tem a primeira relação intersubjetiva do bebê humano, a relação primordial, marcada pela dimensão do imaginário na qual a criança “não sabe que a mãe procura outra coisa mais além dela: a plenitude narcísica dela (da mãe)” (Bleichmar, 1984, p.27).

Depreende-se, portanto, que o primeiro tempo do Édipo na teoria lacaniana é marcado pela relação entre os personagens mãe-criança, por sua relação de complementaridade, e pelas instâncias falo imaginário e Outro, pois a criança acredita ser o falo que completaria o Outro materno.

¹¹ Cabe destacar que Bleichmar (1984) ao discorrer sobre o complexo de Édipo utiliza o termo “menino” e não criança. Acredita-se que o autor utiliza esta forma para esclarecer a problemática do Édipo, mas não somente do menino, mas também da menina, diferenciando suas particularidades *a posteriori*. Portanto, optou-se por utilizar criança, visto que a explanação trata do filhote do ser humano e não, precisamente, só do menino, e que as diferenças entre a passagem do Édipo no menino e na menina serão apontadas diferenciando-as.

¹² De acordo com Bleichmar (1984), o termo “ternário imaginário” é denominado por Lacan para designar, no primeiro tempo do Édipo, a relação entre mãe-criança-falo, visto que neste tempo o pai encontra-se, sob a édige de metáfora paterna, inserida a partir da cultura, ou seja, não está diretamente na relação triangular edípica.

Já, o segundo tempo do Édipo é formulado com a entrada de um terceiro, a saber, o Pai. De acordo com Dor (1989), a intrusão da dimensão paterna é possível devido à oscilação do ser ou não ser o falo, referenciando à castração.

Neste momento, surge a problemática da falta de objeto e suas possíveis manifestações. Segundo Dor (1989), “na criança, assim como no adulto, a falta de objeto pode manifestar-se sob três formas específicas: a frustração, a privação e a castração” (p.83). Para o autor, as formas de manifestação da falta são qualitativamente diferentes, assim como o tipo de objeto também é diferente.

Na castração¹³, a falta é simbólica e o objeto imaginário – Falo. Esta forma de manifestação da falta é marcada por um ato que é simbólico, porém, ameaçado por alguém real de que será cortado um objeto imaginário (Lacan, 1958/1999). A criança sente a ameaça da castração como algo real, ou seja, que poderá realmente acontecer, contudo, o que o menino pensa que poderá perder é o pênis, aqui representando o objeto imaginário Falo. A menina acha que já o perdeu, pois ela não o possui.

Para Jorge e Ferreira (2005), na castração está posta a dialética do ter: ter ou não ter o falo. Neste ponto, o jogo do falo passa do nível simbólico, anteriormente localizado na frustração, para o nível imaginário, e esta passagem é marcada pela introdução do pai na tríade mãe-criança-falo. Neste tempo, o pai surge como aquele que interdita a mãe, localizando-o no registro do real “o que faz com que ele seja apreendido pela criança, ao nível imaginário, como uma figura terrível e tirânica. É nesse sentido que se deve compreender o pai como agente da castração” (p.53).

Na frustração, “a falta é um dano imaginário” (Dor, 1989, p.83). O objeto é real. Em Lacan (1958/1999), na frustração, “o pai intervém como detentor de um direito, e não como

¹³ Os três níveis serão aqui abordados conforme a sequência proposta por Lacan (1958/199) no Seminário 5 – As formações do inconsciente, na qual o autor considera a castração como primeiro nível, e a frustração e privação como segundo e terceiro níveis. Dor (1989) apresenta uma sequência adversa a essa, parecendo não ser importante estabelecer uma sequência em níveis em que se apresentam a falta de objeto.

personagem real” (p.178). Seguindo o autor, este destaca que neste nível, o pai é simbólico e que irá frustrar a criança em um “ato imaginário concernente a um objeto muito real, que é a mãe, na medida em que a criança necessita dela” (p.178). O pai, enquanto agente proibidor, proíbe a mãe, tanto para o menino quanto para a menina e, por isso, “o pai efetivamente frustra o filho da posse da mãe” (p.178).

De acordo com Dor (1989), a frustração é o campo da reivindicação, não havendo possibilidade de satisfação. O autor destaca que, de forma geral, a criança vive a ausência do pênis na mãe como uma frustração e, mais precisamente a menina, visto que vive essa ausência em si.

Segundo Jorge e Ferreira (2005), a frustração comporta a dialética do ser ou não ser. Para os autores, Lacan, na releitura da obra freudiana, introduz um terceiro elemento na relação mãe-filho: o falo. Desta forma, a criança precisa ocupar o lugar do falo para a mãe para posteriormente ser introduzida no universo simbólico, na Lei. Essas seriam as primeiras experiências do recém-nascido e que tem como agente a mãe simbólica norteando o processo de humanização.

Jorge e Ferreira (2005) salientam que na frustração, “A primeira experiência de amor, marcada pela fantasia que se é o falo, estrutura, modela e organiza todos os conflitos a serem vividos nos próximos tempos” (p.52). Estes autores, portanto, destacam a frustração como a modalidade da falta no primeiro tempo do Édipo.

Na privação, a falta é real e o objeto é simbólico. Lacan (1958/1999) ressalta que, neste nível, o pai faz-se preferir, tornando-se “um objeto preferível à mãe, seja por que vertente for, pelo lado da força ou pelo da fraqueza” (p.179) e que essa dimensão leva à formação do ideal do eu. O autor aponta, ainda, que é na privação, enquanto terceiro nível, que intervém no complexo de Édipo, que “se centra a questão da diferença do efeito do complexo no menino e na menina” (p.179).

De acordo com Jorge e Ferreira (2005), na privação a dialética que se coloca é a de ter ou não ter o dom. Neste sentido, o pai, antes portador do falo, aquele que tinha o falo, passa a não tê-lo, passa de pai onipotente para pai potente, mas que possui algo com o valor de dom. A privação, portanto, trata da castração do pai, porém, dá a ele esse algo que possui esse valor de dom. O agente da privação é o pai imaginário, no qual há o estabelecimento da rivalidade. Os autores destacam que

Trata-se, portanto, do pai idealizado, que se torna o pára-raios dos ciúmes, do amor e do ódio. A falta se inscreve no registro do real porque aponta para o impossível. O objeto se situa no nível do simbólico porque a privação se caracteriza pela conversão do falo imaginário em falo simbólico (Jorge e Ferreira, 2005, p.54).

Esclarecidas as formas de manifestação da falta propostas na teoria lacaniana, cabe retomar os tempos do Édipo para análise da contingência dessas formas de manifestação em cada um dos três tempos.

Retomando, portanto, a problemática do segundo tempo do Édipo, neste tempo, a intrusão do pai na relação mãe-criança será vivida como forma de privação para a mãe e como interdição e frustração para a criança (Dor, 1989). A mãe é privada do falo encarnado na figura da criança e a criança é frustrada por ser levada a renunciar ser o objeto de desejo da mãe, questionando sua identificação com o falo materno.

Bleichmar (1984) destaca que neste segundo tempo do Édipo surge a figura do pai enquanto interventor/privador em duplo sentido: o que priva a criança de seu objeto de desejo e que priva a mãe do objeto fálico.

Neste momento, no qual a criança perde o valor fálico e a mãe deixa, portanto, de ser fálica, ocorre a castração simbólica. Entretanto, Bleichmar (1984) ressalta que poderá haver a conservação da mãe enquanto fálica, o que resultará na criança em um colapso narcisista.

No colapso narcisista, a criança deixa de ser o falo que é substituído por um irmão, por

exemplo. Com isso, a mãe continua sendo fálica, tendo a posse do objeto de seu desejo, porém, não é mais a criança, “de modo que o colapso narcisista é a perda da identificação com o Ego Ideal” (Bleichmar, 1984, p.46)

Em relação à castração simbólica, Bleichmar (1984) aponta que,

Na castração simbólica, a criança reconhece que falta algo à mãe que o deve buscar em outra parte, corresponde ao momento em que a criança deixa de ser falo e este passa a existir para ela como entidade independente de um personagem. Por isso, a castração simbólica, para se completar exige que a criança reconheça que há algo mais além, não só dela – o falo – como também a possibilidade da mãe de instaurá-lo, de dotar, por seu arbítrio total, do falo o personagem que lhe ocorra; que ela, por sua vez, está submetida a uma ordem que lhe é exterior. Este é o essencial da castração simbólica: no psiquismo da criança é o reconhecimento da castração da mãe e de toda pessoa, inclusive o pai (p.46).

Com efeito, o pai em sua intrusão na relação mãe-criança, produz na criança uma rivalidade imaginária que a conduz ao encontro da lei paterna. Nesta perspectiva, Dor (1989) sublinha que é pela dialética do ser na dupla relação entre a frustração e a privação que ocorre, pelo aparecimento do pai, o reconhecimento do “outro” na relação mãe-criança. É a partir deste reconhecimento do outro que será possível a entrada da criança na Lei do desejo, da qual, para Lacan (1958/1998), o desejo estará submetido ao desejo do outro, visto que a entrada do pai na relação mãe-criança implica na suposição de que há um outro do outro, ou seja, a Lei do desejo “submete o desejo de cada um à lei do desejo do outro” (p.129).

Concomitantemente a descoberta de não ser o falo da mãe, a criança entra em outra dialética que supostamente, conduz à busca das insígnias do desejo da mãe. Se a criança descobre não ser o falo da mãe pela entrada do pai que reivindica a mãe para si, a criança passa a outra questão: ter ou não ter o falo. Para a criança, a mãe não tem e quer tê-lo, enquanto o pai

é aquele que possui o falo.

Dor (1989) esclarece que

Este tempo crucial do complexo de Édipo vеторiza, para a criança, a significação do desejo da mãe com relação ao que até então supunha ser seu objeto. O fato de que o desejo da mãe esteja submetido à lei do desejo do outro implica que seu próprio desejo esteja na dependência de um objeto que outro (o pai) é suposto ter ou não ter. A dialética do ter (ter o falo ou não), que a criança descobre como o que polariza desde então a problemática do desejo da mãe, faz-se, portanto, eco na dialética do ser que governa então a vivência de seu próprio desejo (p.86).

É, portanto, somente a partir da entrada do pai na relação mãe-criança como operador da lei que mediatiza o desejo que a criança irá interrogar-se sobre o ser ou não ser o falo da mãe (to be or not to be) para, a partir de então, passar ao questionamento do ter ou não ter o falo (Dor, 1989).

Assim, neste momento, a criança é confrontada com a questão da castração pelo encontro com a lei do pai. Para a criança, o pai simbólico, suposto depositário do falo, detém o objeto de desejo da mãe que reconhece a lei paterna para além de sua lei e de seus caprichos. Isto, contudo, só é possível se a mãe aceitar a entrada do pai, na relação entre ela e a criança, e o pai cumprir sua função de barra ao desejo da mãe, que apresenta-se como Outro Materno. É a partir daí que a criança é abalada em sua certeza de ser o falo para a mãe, ou seja, de ser o objeto fálico desejado pela mãe, pela ascensão da função paterna que a criança é forçada a aceitar não ser o falo e não o ter, como a mãe (Dor, 1989).

Tais colocações apontam para a entrada da criança na dialética do ter ou não ter o falo, visto que para ela alguém supostamente detém o falo, ou melhor, detém o objeto de desejo da mãe, objeto este que ela julgava ser e que descobriu que não o é. Assim, cabe à criança buscar ter o falo que, supostamente, alguém tem.

Cabe a este segundo tempo do Édipo a importância de levar a criança a aceder à simbolização da lei que marcará o declínio do Édipo pelo terceiro tempo. É, portanto, a relação entre castração simbólica, pai simbólico e lei que conduzirá a criança à passagem pelo Édipo e suas consequências para a subjetividade.

Conforme destacado, o terceiro tempo é marcado pelo declínio do Édipo. Neste momento, a rivalidade, antes dirigida ao pai, passa à mãe. Para a criança, o pai, enquanto aquele que priva a mãe do falo é, segundo Dor (1989), investido do atributo fálico. Porém, Lacan (1958/1999) ressalta que é preciso que o pai dê provas à criança de que tem o falo.

Para Dor (1989),

A primazia do falo enquanto objeto imaginário irá desempenhar o papel fundamentalmente estruturante na dialética edipiana, na medida em que a própria dinâmica fálica promove uma operação simbólica inaugural que encontra uma resolução com o advento da metáfora do Nome-do-Pai (p.76).

Se, no segundo tempo o pai passa a ser o lugar onde está localizado o desejo da mãe, o terceiro tempo é marcado pela simbolização da lei e a função paterna a responsável por determinar à criança o lugar do desejo da mãe.

Bleichmar (1984) sublinha a relação entre Nome-do-pai, Desejo-da-Mãe e significação fálica. Para o autor, após a simbolização da castração, a criança deixa de ser o falo, como o era no primeiro tempo e o pai também deixa de ser o falo, como no segundo tempo; a lei deixa de ser a da mãe, de seus caprichos, como no primeiro tempo, e deixa de ser a do pai tirano, como no segundo tempo. Destarte, no terceiro tempo, tanto o falo, quanto a lei surgem como “instâncias que estão acima de qualquer personagem” (p.57).

Dor (1989) esclarece que,

A confrontação da criança com a relação fálica modifica-se de maneira decisiva, no sentido em que ela deixa a problemática do ser para aceitar negociar por conta própria,

a problemática do ter. Isto só advém na medida em que o pai não mais lhe aparece como um falo rival dela junto à mãe. Na medida em que há o falo, o pai não é mais aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo. Ao contrário, porque ele é detentor do suposto falo, ele o reinstaura no único lugar em que ele pode ser desejado pela mãe. A criança, tal como a mãe, encontra-se, então, inscrita na dialética do ter: a mãe que não tem o falo pode desejá-lo naquele que o detém; a criança, igualmente desprovida, poderá também cobiçá-lo lá onde ele se encontra (p.88).

Assim, o pai ocupa o lugar suposto onde está localizado o falo. Esta dialética do ter promove, de acordo com Dor (1989), o “jogo das identificações” (p.88). O menino irá identificar-se com o pai que supostamente tem o falo; a menina se identificará com a mãe que não o tem e, desta forma, buscar junto ao pai que tem.

Para Bleichmar (1984), a questão da identificação com o Ideal do Eu produz-se neste terceiro tempo do Édipo. O autor diferencia, a partir da teoria lacaniana, Eu Ideal de Ideal do Eu, sendo que o “Eu Ideal é a imagem de perfeição narcisista; representa um personagem dotado de atributos, de perfeição, completo, onipotência” (p.58), enquanto o Ideal do Eu é destacado como uma “constelação de insígnias”, termo cunhado por Lacan.

Problematizando sobre a diferença entre Eu Ideal e Ideal do Eu, Bleichmar (1984) discorre ressaltando que “o Ideal do Eu está orientado em direção ao que, no desejo do sujeito, representa um papel tipificante, o fato de assumir a masculinidade ou a feminilidade” (p.59), ao passo que o Eu Ideal seria um traço particular, tomado como uma imagem total, enquanto o Ideal do Eu seria uma “constelação” de traços, “de modo que se é o Eu Ideal, mas se tem um traço, que a modo de insígnia, de galões, o situa como pertencente a um grupo; essa constelação de traços é o Ideal do Eu” (p.59).

Dor (1989) assinala que será pela preferência que o pai tem junto à mãe que ocorrerá a estruturação do sujeito, pelo fato desta preferência atestar a passagem do ser para o ter que

promove o acesso ao simbólico pela instauração da metáfora paterna e, logo, o mecanismo intrapsíquico do recalque originário. O autor salienta que “o desejo de ser, recalcado em prol do desejo de ter, impõe à criança que engaje a partir de então seu desejo no terreno dos objetos substitutos ao objeto perdido” (p.94).

Lacan (1957/1995), no texto *O primado do falo e a jovem homossexual*, retoma a questão da problemática da primazia fálica proposta por Freud. Segundo Lacan (1957/1995):

A fase fálica, etapa terminal da primeira época da sexualidade infantil, que termina com a entrada no período de latência, é uma fase típica tanto para o menino quanto para a menina. A organização genital dá a sua fórmula. Ela é atingida pelos dois sexos. A posse ou a não posse do falo é o seu elemento diferencial primordial. Não existe, portanto, realização do macho e da fêmea, existe aquele que é provido do atributo fálico e aquele que é desprovido, e ser desprovido dele é considerado como equivalente a ser castrado (p.96).

Com isso, Lacan (1957/1995) aponta a questão da primazia fálica para localizar a mulher como castrada e que, na dialética entre o ter e o não ter, encontra-se na posição de objeto, por não ter e desejar tê-lo. O autor destaca o engodo dessa posição na relação com o “objeto natural e primordial do desejo, a saber, o seio materno” (p.96). Desta forma, Lacan (1957/1995) problematiza sobre a relação de objeto no feminino que entra na dialética de forma adversa que o masculino por ocupar lugar de objeto, porém destaca que este lugar é assumido por um sujeito.

Em resumo, pode-se compreender pela teoria lacaniana que o par conjugal irá possibilitar o acesso à criança ao mundo simbólico a partir da passagem pelo Édipo. No texto *Nota sobre a criança*, há a evidência da importância da família na transmissão da Lei do desejo pela assunção da lei paterna. Lacan (1969/2003) salienta que

A função de resíduo exercida (e ao mesmo tempo mantida) pela família conjugal na evolução das sociedades destaca a irreduzibilidade de uma transmissão – que é de ordem

que não é da vida segundo as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.

É por tal necessidade que se julgam as funções da mãe e do pai. Da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei do desejo. (p.369)

Porém, é preciso observar que a função normatizadora¹⁴ do Édipo deixa efeitos na criança que são nomeados, na teoria lacaniana, de sintoma. Os sintomas são, portanto, a forma com que os sujeitos se organizam ao aceder à estrutura humanizadora pelo Édipo. O sintoma marca na criança “o que existe de sintomático na estrutura familiar” (Lacan, 1969/2003, p.369). O autor sublinha que há uma problemática instaurada em relação ao sintoma da criança quando este decorre, predominantemente, de sua posição na subjetividade da mãe. Segundo o teórico,

A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquele que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna o “objeto” da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto (p.369).

Lacan (1958/1999) ao discutir sobre a problemática da falta no Édipo na menina propõe três modalidades distintas do *Penisneid* as quais são desdobradas a partir da relação estabelecida pelo complexo de Édipo.

Na primeira modalidade do *Penisneid*, destaca-se que, a nível da fantasia, o clitóris seja um pênis: “É o anseio, o desejo guardado por muito tempo, às vezes conservado por toda a vida, de que o clitóris seja um pênis” (Lacan, 1958/1999, p.288). Tal modalidade tem relação com a castração, já destacada anteriormente.

¹⁴ Segundo Bleichmar (1984) ao se falar da passagem pelo Édipo, em Psicanálise, fala-se de uma “normatização do Édipo, não de uma normalização” (p.60), visto que no terceiro tempo do Édipo o sujeito inscreve-se em uma norma, em uma lei que regula os intercâmbios sexuais.

A segunda modalidade está relacionada à frustração visto que a menina irá buscar o pênis no pai, ou seja, o pai é aquele que tem e a menina quer tê-lo. Esse desejo pelo pênis é frustrado, pois há a interdição edipiana e a impossibilidade fisiológica.

A terceira modalidade surge com a fantasia de ter um filho do pai como substituto ao pênis do qual a menina foi privada, sendo, o filho do pai, uma forma simbólica de possuir o pênis.

A partir da exploração acerca das modalidades do *Penisneid*, ou seja, da forma como a inveja do pênis se apresenta ao universo feminino, cabe abordar, de forma pormenorizada, as especificações acerca da Feminilidade e suas relações com o masoquismo buscando compreender as particularidades do sujeito feminino que se pretende investigar.

2.3 Sexualidade feminina, masoquismo e feminilidade

Diante do que foi evidenciado, cabe estabelecer um percurso na formação subjetiva do sujeito feminino relacionando os conceitos apresentados como fundantes, desamparo e masoquismo, discutindo a relação entre eles e o desenrolar da sexualidade feminina, em busca da compreensão do percurso dos processos de subjetivação dos sujeitos deste trabalho.

O desamparo e a feminilidade são, segundo Birman (1999b), herdeiros do real, “pois indicam aquilo que afeta o sujeito de maneira inapelável, diante do qual este não tem qualquer defesa possível” (p.53), diante da certeza da castração.

Nesse sentido, Birman (1999b), esclarece que a “feminilidade não é indicada como feminino” (p.52), sendo que, tanto o masculino quanto o feminino estão regulados pela lógica fálica, enquanto que na feminilidade há uma busca pelo ultrapassamento desta lógica.

Rocha (2002) ressalta que há uma ambiguidade em relação aos termos feminino e feminilidade. Para o autor, se do ponto de vista semântico os termos designam uma relação com “o modo de ser, de pensar e de se comportar próprios da mulher” (p.8); do ponto de vista da

Psicanálise, especialmente em relação ao desamparo, o termo feminilidade não se equipara à noção de feminino.

Para Birman (1999), o conceito de feminilidade surge na teoria freudiana como outro paradigma, que não o fálico, pois se apresenta como um registro autônomo. O autor explica que “as problemáticas da feminilidade e do desamparo se colocam inexoravelmente como os pontos de chegada do percurso freudiano sobre a sexualidade” (p.50). Ao abrir mão dos ideais fálicos, o sujeito encontra o caminho para a feminilidade e para a aceitação da falta de garantiasposta pelo desamparo.

Menezes (2012b) refere-se à feminilidade como um dos destinos no processo de subjetivação, tanto para homens quanto para mulheres. Segundo a autora, o “repúdio à feminilidade”, sustentado por Freud (1937/2006), provocaria horror por remeter à perda dos referenciais fálicos; logo, “ao horror da castração, ao medo da perda do amor, ao desamparo terrífico, à total dependência do outro” (Menezes, 2012b, p. 121).

Trata-se, portanto, de ter-se que situar a questão do falo tanto para o homem quanto para a mulher. Freud (1937/2006), em *Análise terminável e interminável*, discorre sobre dois temas em que haveria, como correspondente entre eles, a questão do “repúdio à feminilidade” (p.268). Segundo o autor, ambos apresentam questões frente à atitude que se coloca ao sujeito diante do complexo de castração, a saber, do homem, na luta contra sua atitude passiva ou feminina frente a outro homem; e da mulher, pelo “esforço positivo por possuir um órgão genital masculino” (p.268), pela inveja do pênis.

Entende-se, com Freud (1937/2006), que na mulher, a busca pelo pênis, ou seja, pelo referencial fálico que a ordene, converte-se no desejo por um filho. De forma geral, no primeiro tempo do Édipo, encontram-se o bebê, a mãe e a relação que se estabelece entre ambos, e está em jogo a plenitude narcísica da mãe colocada no ternário mãe-bebê-falo. O bebê pensa ser tudo para a mãe, a completude que a mãe busca para sua plenitude e a mãe, encontra no bebê o

representante substituto para o falo perdido pela castração. Contudo, a criança que a princípio apazigua os efeitos funestos do complexo de castração coloca a mulher novamente no circuito do desejo pois não encontra suprida sua falta-a-ter.

Neste momento, cabe assinalar a hipótese de que se, na falta de um representante que a nomeie mulher, esta pode se colocar no laço com o Outro, como objeto. Pode-se deduzir que, diante da falta original que não a permite ascender como sujeito, faz-se de objeto na tentativa de tamponar a falta do Outro, falta esta que a remeteria à própria falta, remetendo-a ao desamparo original, aquele do qual mais se busca escapar.

A questão do “repúdio à feminilidade” se apresenta, dessa forma, intrinsecamente relacionada à forma de evitamento do desamparo que equivaleria à relação que o sujeito estabelece com o outro, pautada na servidão. Assim, cabe destacar que o destino pela feminilidade é equivalente ao destino criativo frente ao desamparo, visto que o sujeito encontra saídas alternativas frente ao horror do desamparo terrífico, frente ao horror da castração; encontra saídas sublimatórias de enfrentamento ao desamparo, à completa falta de garantias (Menezes, 2012b).

Para Birman (1999a), no final do discurso freudiano, localiza-se algo que articula intimamente o conceito de feminilidade com a condição de desamparo. O autor pondera que a falta do referencial fálico enquanto registro erógeno originário presente na feminilidade provoca o horror da falta de proteção para a subjetividade e, logo, a condição de desamparo.

Zalcberg (2003) aponta que a questão da feminilidade apresenta-se como um enigma na teoria freudiana. A autora, em sua obra *A relação mãe e filha*, percorre o caminho traçado por Freud na busca pela resposta à pergunta “O que quer uma mulher?” que, posteriormente, transforma-se em questionamento em torno do por que a menina tem tanta dificuldade de separar-se da mãe, que permanece sem resposta e que Lacan busca compreender em sua elaboração teórica.

Segundo Kehl (2008), há uma recusa em relação à feminilidade que estaria vinculada às mulheres histéricas. Para a autora, “aceitar à feminilidade como modelo de subjetivação e de sexuação” (p. 183) relaciona-se com a recusa, por parte das mulheres “desajustadas”, a aceitarem os ideais de feminilidade que são produzidos pelas tradições da ordem familiar burguesa.

Há, neste ponto, a discordância de Kehl (2008), visto que, entende-se neste trabalho, a questão da feminilidade não como ideal estabelecido pela cultura tradicional burguesa, conforme apontado pela autora citada, mas sim como uma posição subjetiva que não se encontra referenciada pelo falo, mas está além deste. Contudo, é pertinente a argumentação desta autora ao destacar que “o ajuste das mulheres à feminilidade nunca é perfeito, e muito menos se dá sem conflitos” (p.65), visto que não há um significante que as ordene, como no caso dos homens em que há o falo, e por seu primeiro objeto de amor, a mãe, ser um sujeito com o qual ela irá rivalizar em busca deste significante que lhe norteie à escolha de uma posição de sujeito frente ao Outro.

Birman (2001), ao fazer uma retomada sobre a questão da feminilidade no discurso freudiano aponta que inicialmente o conceito de feminilidade teve uma formulação negativa ao ser relacionado como fronteira do “rochedo da castração”. O autor, entretanto, propõe uma outra leitura do termo, para além do estatuto de negatividade, supondo a possibilidade de “um outro fio interpretativo possível da concepção de sexualidade presente no discurso freudiano” (p.223), sendo a feminilidade uma outra leitura para o feminino.

Com isso, Birman (2001) confere uma positivação à feminilidade elevando-a ao estatuto de originária do sujeito, como outro registro psíquico que se fundaria sem a regulação do falo. Segundo o autor,

No registro da feminilidade, não existiria o falo para o sujeito, seja como referente ou até mesmo como referência. Esse território psíquico não seria nem regulado nem

fundado na figura do falo. Este seria então, na feminilidade, uma ausência, um faltante (p.225).

Essa noção de que a feminilidade possui registro sem a lógica fálica é o que causaria o horror à feminilidade, segundo Birman (2001), tanto em homens quanto em mulheres. A recusa à feminilidade, elevando o falo ao estatuto de centralidade, enunciaria, portanto, as formas de sexualidade masculina e feminina, inscrevendo o falo no psiquismo com as insígnias do ter ou ser o falo.

Neste sentido, Birman (2001) aponta a feminilidade como originária, sendo anterior à lógica do referencial fálico e que inscreveria a imperfeição na origem da subjetividade. É pela busca de uma suposta perfeição que, tanto a sexualidade masculina quanto feminina, se referenciam no falo, buscando encontrar a perfeição suposta pela completude fálica, o que produz “uma recusa e até mesmo o reconhecimento velado da imperfeição do homem” (pp.226-227).

Retomando a questão do complexo de Édipo, cabe ressaltar que a ordenação da sexualidade ocorrerá de acordo com a posição que o sujeito ocupará na partilha dos sexos. Interessa a questão da mãe-filha, pois os sujeitos ordenam-se pela lógica fálica, e, portanto, o que resta aos sujeitos femininos é a marca de uma falta.

Souza (2014) destaca que, na teoria freudiana, há na relação mãe-filha algo que resta, que não é significantizado nesta relação, por ser a mãe o primeiro objeto de amor da menina. Segundo a autora, em Freud este resto é a marca de uma catástrofe, o que, na obra lacaniana vai ser nomeado como devastação. Sobre estes aspectos, no capítulo seguinte será abordada a devastação e a parceria amorosa perpassada pela violência.

Freud (1933[1932]/2006), na *Conferência XXXIII sobre a Feminilidade*, destaca que há uma diferença significativa na passagem do Édipo na menina e aponta que há uma zona obscura na relação entre mãe e filha, pois a mãe é o primeiro objeto de amor da menina. Essa relação

primitiva apresenta-se como fundamental, estando situada na relação anterior ao Édipo; porém, necessita ser abandonada para que o Édipo siga seu destino, o que fará com que a menina passe a nutrir sentimentos hostis em relação à mãe e que possibilitem a vinculação ao pai. Freud (1933[1932]/2006) sublinha que “a vinculação à mãe termina em ódio” (p.122), e esse ódio é gerado por censuras que orienta “uma longa lista de acusações e queixas contra a mãe” (p.122). Com isso, Freud (1933[1932]/2006) busca compreender como ocorre, na menina, a passagem da vinculação da mãe para o pai.

A noção sobre a hostilidade durante a passagem pelo Édipo já se fazia presente no texto *Sexualidade Feminina*. Neste texto, Freud (1931/2006) destaca que, no menino, o primeiro objeto de amor foi a mãe e continuará sendo mas, na menina “também seu primeiro objeto foi a mãe” (p.233), e o que resta é o sentimento de hostilidade do qual o autor se questiona sobre como ocorre, visto que a hostilidade que a menina irá nutrir em relação à mãe é que a fará encontrar o caminho para o pai. Freud (1933[1932]/2006) aponta essa dificuldade como fator complicador no desenvolvimento sexualidade feminina, visto que “é complicado pelo fato da menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, nova, a vagina” (p.233); e, posteriormente, ter que fazer uma segunda alteração “a troca de seu objeto original – da mãe – pelo pai” (p.233). Contudo, Freud (1933[1932]/2006) destaca não haver clareza de como ocorrem tais trocas e como elas estão ligadas.

Esses aspectos ressaltam as diferenças na passagem pelo Édipo em meninos e meninas, e podem, em Freud (1931/2006) ser destacados a partir de três diferenças: o fato de a menina ter que mudar a zona genital – enquanto o menino possui somente um órgão genital, na menina existem dois, clitóris e vagina, e ela precisa abrir mão de um em detrimento do outro; o deslocamento do objeto original – o menino continua tendo a mãe como objeto, enquanto a menina precisa deslocar da mãe para o pai; e a posição que o sujeito assumirá diante o

Complexo de Castração – o menino abandona a mãe, pondo fim ao Complexo de Édipo, enquanto a menina, entra no Édipo e terá diferentes linhas de desenvolvimentos para sua sexualidade. Freud (1931/2006) sublinha que “nas mulheres, o Complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração” (p.238), e produz efeitos importantes no desenvolvimento do sujeito feminino como, se rebelar pelo reconhecimento da castração, estabelecendo uma superioridade ao homem e lidando com a própria inferioridade, ou seja, com a inferioridade da mulher.

Sendo assim, quanto ao se rebelar frente à castração, Freud (1931/2006) continua apontando para três linhas de desenvolvimento: o abandono da atividade fálica – da masculinidade; tentativa de se conseguir um falo – complexo de masculinidade; e a atitude feminina normal – que toma o pai como objeto, sendo esta “os primeiros passos no sentido da feminilidade definitiva” (p.240).

Freud (1933[1932]/2006), posteriormente, em *Feminilidade*, retoma esta problemática pormenorizando cada uma das linhas. Em relação à primeira, o autor aponta como sendo a que conduz à inibição sexual ou à neurose, na qual a menina que viveu, até então, de forma masculina, obtendo prazer de seu clitóris, ou seja, manteve seus desejos sexuais na forma ativa dirigidos à mãe, depara-se com a castração que produz, como resto, a inveja do pênis. Ela deixa, assim, de obter satisfação na sexualidade ativa fálica, renunciando à atividade masturbatória e repudiando o amor que nutria pela mãe, por acusá-la de não ter dado a ela um falo. Nesta primeira linha pode-se sublinhar a questão da inveja o pênis que suscita o abandono da atividade masturbatória e a hostilidade voltada a mãe.

Freud (1933[1932]/2006) escreve

Seu afastamento da mãe, sem dúvida, não se dá de uma só vez, pois, no início, a menina considera sua castração como um infortúnio individual, e somente aos poucos, estende-a a outras mulheres e, por fim, também à sua mãe. Seu amor estava dirigido à sua mãe

fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação. (p.126)

Freud (1933[1932]/2006) pondera, ainda, sobre a importância da atividade masturbatória clitoridiana. Aponta que os pacientes neuróticos atribuem à masturbação toda a problemática de seus sofrimentos, e admite razão a estes pacientes, dado que “a masturbação é o agente executor da sexualidade infantil, de cujo desenvolvimento falho estão verdadeiramente sofrendo” (pp.126-127).

A segunda linha de desenvolvimento é marcadamente relacionada ao complexo de masculinidade. Para Freud (1933[1932]/2006), a menina não reconhece o fato de ser castrada, refugiando-se na identificação com a mãe fálica, na qual não abre mão da atividade masturbatória do clitóris, ou seja, não renuncia aos impulsos ativos em favor dos passivos para seguir ao caminho que abre-se à feminilidade. Segundo o autor, este seria o caminho que conduz o sujeito, devido ao complexo de masculinidade, à homossexualidade feminina.

Na terceira linha de desenvolvimento, proposta por Freud (1933[1932]/2006), estaria o caminho para a feminilidade normal, o que faz a menina abandonar a mãe e voltar-se para o pai é a busca por conseguir o falo da qual a mãe recusou dar-lhe. O autor aponta que há o abandono da atividade masturbatória clitoridiana e, renunciando à atividade desta ação, manifestam-se impulsos passivos que possibilitam a menina a voltar-se para o pai em busca do substituto fálico; ou seja, pelo desejo de possuir o pênis que lhe foi negado, a menina busca consegui-lo do pai. Assim, segundo Freud (1933[1932]/2006), “a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica” (p.128).

A questão destacada por Freud (1931/2006) no texto sobre a *Sexualidade Feminina*, é sobre como a menina abandona a mãe para seguir o caminho de seu processo de subjetivação.

O autor discorre que o interesse dos analistas “deve dirigir-se para os mecanismos em ação em seu afastamento da mãe, que era um objeto tão intenso e exclusivamente amado” (p.239). Freud sugere, então, que não será encontrado um fator único, mas vários fatores que operam juntos buscando atingir o mesmo fim.

Posteriormente, Freud (1931/2006), ao levantar a questão sobre “o que é que a menina exige da mãe?” (p.244), demonstra que tanto a atividade quanto a passividade encontram-se em jogo nos objetivos sexuais da menina com a mãe. O autor esclarece que a criança, quando “recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa” (p.244), tentando, dessa forma, fazer com o outro o que acabou de ser feito com ela. Esclarece, ainda, que há uma revolta contra a passividade, dando preferência sempre à atividade.

Entende-se que há, portanto, em meninos e em meninas, o caráter sexual tanto ativo quanto passivo. Contudo, Freud (1931/2006) aponta que

As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações a elas relacionadas: outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade. (p.244)

Tais colocações apontam a busca da criança para encontrar uma forma de manifestar, expressar oposição. Em Freud (1931/2006), essas formas encontram significação desde a mais tenra idade da criança, sendo que o sugar do bebê é a manifestação ativa na amamentação ao seio e, posteriormente, o brincar expressa a repetição das experiências passivas vividas por ela.

Quanto à problemática sobre como a menina afasta-se da mãe, é imprescindível destacar a necessidade do abandono da ação masturbatória do clitóris. Abandonar o clitóris adquire a significação de abandonar certa dose de atividade para alcançar fins passivos, ou seja,

abandonar a atividade fálica descoberta pela menina. Freud (1931/2006) aponta que a menina é iniciada na fase fálica pela mãe, através da limpeza destas e que, nesta fase, as mães são acusadas de seduzir as filhas. O autor sublinha, ainda, que esta fase é permeada por “impulsos cheios de desejo, intensos e ativos, dirigidos no sentido da mãe” (p.247) que resultam na masturbação clitoridiana.

Com isso, há no percurso da menina quanto ao afastamento da mãe mais mudanças do que simplesmente a alteração de objeto da mãe para o pai. Está em questão a relação da menina com o falo, ou seja, com a falta deste. Esta falta desdobra-se em acusações à mãe que conduzem a sentimentos hostis para com ela. A mãe é acusada, resumidamente, de privar a menina do falo; de não ter a amamentado suficientemente; de seduzir a menina por despertar sensações genitais com a higienização; de proibir a menina de exercer a atividade sexual que ela mesma despertou (Freud, 1933[1932]/2006).

Sendo assim, o afastamento da menina da mãe torna-se extremamente importante, contudo, envolve muitas variáveis. Freud (1931/2006) ressalta que o afastamento da mãe “trata-se de algo mais do que uma simples mudança de objeto” (p.247) e sinaliza a importância que deve ser dirigida à necessidade do rebaixamento dos impulsos ativos em prol da ascensão dos passivos. O autor aponta a equivalência entre a passividade e o caminho para a feminilidade; contudo, cabe destacar que não se refere ao fato de haver correlação entre ativo-masculino e passivo-feminino, mas de ambos comportarem tais tendências.

A passividade da qual Freud (1931/2006) trata no texto *Sexualidade Feminina*, apresenta-se como caminho possível para a transição da menina, do objeto materno para o paterno. Nesta perspectiva, o autor demonstra que o afastamento da mãe, gerado pela frustração das tendências ativas que se revelem na impossibilidade de serem realizadas, provoca um desapontamento, do qual as tendências passivas também não escapam. As tendências passivas que escaparam ao desapontamento serão a mola propulsora para a transição para o objeto

paterno. Freud (1931/2006) esclarece que, quando o caminho para a feminilidade não é aberto pela transição do objeto materno para o paterno, o que resta são os remanescentes das tendências ativas e passivas da libido irrealizáveis; ou seja, quando não houve ligação da libido a outro objeto, que irá se manifestar em forma de catástrofe. A catástrofe evidencia, portanto, a ligação pré-edípica com a mãe que não encontrou caminho para o desenvolvimento da feminilidade. Na obra lacaniana, esta ligação com a mãe receberá o nome de devastação, conceito que será abordado, posteriormente, por ser crucial para a discussão proposta por esta dissertação na investigação da parceria amorosa violenta de “*O*”.

Retomando Freud (1933[1932]/2006) em suas construções sobre a sexualidade feminina, no texto *Conferência XXXIII - Feminilidade*, o autor assinala a problemática da ligação dos pares masculino – ativo e feminino – passivo. O autor pondera acerca da inadequação destas relações apontando o quanto mulheres podem exercer funções ativas em vários sentidos, e homens funções passivas. Ressalta ainda que não se pode coincidir ativo e masculino/passivo e feminino, mas indica que “poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos. Isto naturalmente, não é o mesmo que passividade; para se chegar a um fim passivo, pode ser necessária uma grande quantidade de atividade” (p.116).

Adentrando ao campo da feminilidade e sua relação com o masoquismo, Freud (1933[1932]/2006) afirma que há uma estreita relação entre a feminilidade e a preferência por fins passivos pela função sexual que desempenham e que se estende a vida. Para o autor, esta relação não deve ser desconsiderada pelo fato das mulheres serem deveras suprimidas da agressividade, tanto por sua constituição quanto por uma imposição da sociedade. Desta forma, segundo o teórico, na constituição subjetiva das mulheres há a cessação da agressividade, por características psicológicas e influências culturais, que

favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino (pp.116-117).

Depreende-se, assim, que há intrínseca relação entre feminino-passivo-masoquismo, o que não quer dizer que os sujeitos femininos sejam passivos e masoquistas, mas que o feminino porta características relacionadas ao fim passivo - e não à passividade, visto que todo fim passivo pode requerer uma quantidade de atividade (Freud, 1933[1932]/2006) - e ao masoquismo. Cabe destacar que a lógica da partilha sexual não se refere à analogia dos sexos biológicos, mas à posição que cada sujeito assume no processo de subjetivação, o que confirma a proposição freudiana de que, no sentido psicológico, como exposto, se presentifica a bissexualidade inata. Desta forma, um homem pode ter características mais marcadamente passivas e até masoquistas, e uma mulher possuir características ativas e sádicas. O que Freud (1933[1932]/2006) propõe é que há, em sujeitos femininos, uma preferência a fins passivos, o que marca a possibilidade da prevalência de impulsos masoquistas, visto que o masoquismo é feminino, ou melhor, há um dos tipos de masoquismo que adquire o estatuto de feminino (entre as outras formas já apontadas nesta dissertação). Para enfatizar, o masoquismo é feminino, mas o feminino, não necessariamente, é masoquista.

CAPÍTULO III – A HISTÓRIA DE O: SOBRE A ESCOLHA DE OBJETO, O MASOQUISMO E O FEMININO

Gota d'água

*Já lhe dei meu corpo, minha alegria
Já estanquei meu sangue quando fervia
Olha a voz que me resta
Olha a veia que salta
Olha a gota que falta pro desfecho da festa
Por favor
Deixe em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água
Pode ser a gota d'água*

Chico Buarque de Holanda

A música de Chico Buarque de Holanda que abre este capítulo apresenta-se como um gatilho para a discussão que se pretende fazer acerca da escolha de objeto no feminino e sua relação com o masoquismo, ao trazer a noção da mulher que não coloca limites às concessões que faz a um homem; porém, em contrapartida, apresenta a exigência da atenção como garantia do amor sem o qual sucumbiria.

Este capítulo pretende, portanto, abordar como se processam as escolhas na esfera da vida amorosa, conceituadas em Psicanálise como escolha de objeto, para, posteriormente, analisar a escolha pelo parceiro amoroso e suas especificidades na manutenção do vínculo com prevalência da relação em que está presente a violência conjugal.

A devastaçāo surge como possibilidade de subjetivação frente à complexidade que promove a fixação na relação mãe-filha, mobilizando na filha a repetição desta relação

com parceiros que vão promover em suas vidas uma catástrofe, um aniquilamento de seus corpos e de seu psiquismo.

3.1 Breve relato sobre *A história de O*

Em *A história de O*, de Pauline Réage (1954/1972), destaca-se a posição da personagem “O” que, em nome do amor, submete-se aos jogos sexuais de seu amante *René*.

As discussões quanto à autoria deste texto literário são controversas, porém unâimes de que Pauline Réage é o pseudônimo que esconde a verdadeira autoria, dado às restrições para publicação deste tipo de gênero literário para a época, tendo sido apresentado à sociedade de forma clandestina. Os dados presentes na edição utilizada destacam que a verdadeira autoria continua um mistério.

Ribeiro (2008) destaca uma versão diferente sobre tal obra literária e aponta dados relevantes encontrados sobre a autoria da obra supracitada. Segundo a autora, a obra “nasceu em forma de cartas de amor, assinadas sob o pseudônimo de Pauline Réage e endereçada ao editor Jean Paulhan” (p.12). Segundo consta, tal endereçamento teria a função de confrontar este editor que teria publicado que uma mulher não poderia escrever literatura erótica de qualidade. A obra teria provocado o entusiasmo no editor, ao pronunciar seu engano. Além disso, ele decidiu publicar as cartas em forma de livro.

Ainda segundo Ribeiro (2008), a verdadeira autora do livro é Anne Desclos, que já havia assumido o pseudônimo de Dominique Aury para conseguir ascensão profissional. Anne Desclos seria amante de Jean Paulhan, empregador de Desclos, que era casado e que despertou em Desclos anseio por pesquisar as obras de Marquês de Sade, do qual era grande admirador. O aprofundamento das pesquisas das obras de Sade e a busca por manter a relação amorosa com Paulhan, teria suscitado a inspiração em Desclos para escrever as cartas.

De forma geral, a trama gira em torno das idas e vindas de “O” à vivência das situações sadomasoquistas que a enclausuram e o retorno às suas atividades cotidianas, porém, marcada desde a primeira ida de “O” ao castelo das submissões, devido à modificação imposta em sua forma de se vestir, levando-a a sempre estar pronta a servir.

Ao desenrolar da trama, “O” se investe completamente de sua submissão, entregando sua própria vida aos jogos sádicos.

“O”, no início da obra, é levada por seu amante *René* a um castelo no qual seria obrigada a fazer o que lhe fosse ordenado. Sem compreender o que estava acontecendo e a um olhar questionador de “O”, *René* responde “Sim, sim, vou estar aí. Vá” (p.23).

Sem a bolsa, sem identidade, a única certeza que “O” supunha era a de ser mulher e de que *René* estaria lá, pois ela era a mulher que ele estaria fornecendo. Tal informação de estar sendo fornecida é apresentada no enredo da trama na qual “O” deve atender a todos os anseios de seu amante, inclusive, de ser fornecida por ele a outros homens.

No decorrer da obra, a personagem não é apresentada por suas características próprias, a não ser pelas descritas no encontro sadomasoquista, de servidão e de escravidão¹⁵. Somente breves relatos são apresentados sobre a vida de “O”, relatos esses que se caracterizam por seu gosto pela conquista, tanto de mulheres quanto de homens. Neste último caso, as conquistas se apresentavam, principalmente, por suscitar desejo nos homens aos quais ela aparecia nua, mas sem deixá-los tocá-la, provocações estas que incitariam até mesmo a tentativa de se matar, em um dos rapazes que seduzira.

A trama ocorre de maneira tal que “O”, diante do aviltamento a que estava subjugada,

¹⁵ O termo escravidão é utilizado na obra para referir-se à forma como a personagem “O” se relaciona com seus parceiros amorosos. Há, no prefácio da obra escrito por Jean Paulhan (que supostamente seria amante da verdadeira autora das cartas de amor) uma questão sobre a “felicidade na escravidão”, fazendo observações como a “de que as únicas liberdades às quais somos sensíveis são aquelas que jogam o outro numa servidão equivalente” (Réage, 1954/1972, p.6). O prefaciador relata sobre uma revolta na ilha de Barbados na qual escravos, que haviam ganhado a liberdade, retornam ao seu antigo senhor solicitando-o que os retomassem como escravos. À resposta negativa do senhor, os solicitantes matam, em um massacre, tanto o antigo senhor quanto toda sua família e retornam às suas cabanas, seguindo seus destinos.

como chicotadas diárias, servidão, silêncio e proibição de levantar o olhar a quem a disciplinava e a submetia à servidão sexual, encontrava o conforto no amor de seu amante *René*.

Há, contudo, episódios em que “*O* sentia-se em constante perigo” (p.51) e que ansiava pela curiosidade em ver os rostos que lhe era proibido olhar. “*O* se dobrava com mais dificuldade” (p.51) à proibição de olhar os rostos e era punida quando percebiam que eram olhados. Depreende-se disto que havia um movimento de “*O*” contra a submissão total.

Por mais cruelmente que a tivessem tratado quando decidiam fazê-lo, nunca teve a coragem, ou a covardia, de atirar-se por si mesmo aos seus joelhos, e se às vezes os suportou, nunca os solicitou (pp.51-52)

Após a saída de “*O*” do castelo de *Roissy*, *René* a submeteria a outro senhor que “*O*” viria a saber que era considerado como um irmão mais velho de *René*. *Sir Stephen* dizia falar por ele e por *René* que se calara, visto que entre eles havia “uma liberdade tão antiga e tão absoluta” (p.81) que dizia pertencer a ele o que a *René* pertencia, existindo uma reciprocidade quanto a este sentimento. Propõe a “*O*” uma submissão a ele, destacando que seria um senhor mais temível do que os que ela havia encontrado em *Roissy*.

Para “*O*”, o importante era servir, e para isso submeter-se, como garantia de que fosse amada. Queria amor para além de desejo, e isso foi despertado junto aos sentimentos que ela esperava instigar em *Sir Stephen*. A este, “*O*” também se submetia, visto ter sido ofertada a ele por *René*. Contudo, havia por parte de “*O*”, a recusa a atender alguns pedidos de *Sir Stephen*, e este, questionava “*O*” sobre sua obediência.

Lembrou-lhe que tinha consentido em ser escrava dele e de *René*, mas que lhe parecia improvável que soubesse, com todo o conhecimento de causa, em que tinha se engajado. Quando finalmente compreendesse, seria tarde demais para escapar. (Réage, 1954, p.95)

Com isso, além de despertar desejo, “*O*” queria existir para *Sir Stephen* como acreditava existir para *René*. “*O*” queria existir para *Sir Stephen*, por pouco que fosse, como existia para

René" (p.95), destacando-se uma busca incessante por ser amada.

Tais passagens demonstram que além de submeter-se a seus algozes, "*O*" buscava o amor de *René* e de seu "irmão" mais velho, posteriormente, como se este fosse garantidor de que *René* continuaria a amá-la.

René sem dúvida continuaria a amá-la, na medida em que Sir Stephen achasse que ela valia a pena, e que também a amasse. Até agora era óbvio que Sir Stephen seria seu senhor, e, não importando o que *René* imaginasse, seu único senhor, na relação precisa que liga o senhor ao escravo. Dele não esperava nenhuma piedade, mas não poderia esperar arrancar-lhe algum amor? (Réage, 1954, p.96).

Desta forma, o que parece estar presente na relação em que "*O*" submete-se aos desejos de *René* em ofertá-la a outrem é a busca por garantia de ser amada. No silêncio do quarto da casa do *Sir Stephen*, "*O*" chamava por *René* e sussurrava "Eu o amo; faça de mim o que quiser, mas não me deixe, por Deus, não me deixe" (p.98).

Quando em alguns momentos *René* se ausentava da presença de "*O*" - sendo este afastamento real ou imaginado por ela – "O pensava que ele não a amava mais, tudo nela se apagava e sufocava. A relva tornava-se negra, o dia não era mais dia, nem a noite, noite, mas máquinas infernais que faziam alternar o claro e o escuro para seu suplício" (p.100).

Nestes momentos, "*O*" sentia-se culpada, aliás, não tinha dúvidas de sua culpa por *René* a querer punir. "Não havia dúvidas de que era a culpada e de que, sem querer, René a punia por um erro que não conhecia (pois tudo estava no seu íntimo), mas que Sir Stephen tinha imediatamente denunciado: sua facilidade" (p.100).

Na primeira noite em que "*O*" passa com *Sir Stephen*, este denuncia a ela como ela era fácil, dizendo a ela "Ama *René*, mas é fácil. *René* percebe que você deseja todos os homens que a querem" (p.92) e que por isso entregava-a a outros homens. "*O*" recriminava-se por seus pensamentos, de desejar outros homens, e aceitava as submissões de *René* como punição a isso.

O ficava feliz quando René mandava chicoteá-la e a prostituía, em parte porque a submissão apaixonada daria ao amante a prova de que lhe pertencia, mas também porque a dor, a vergonha do chicote e o ultraje lhe infligiam aqueles que a obrigavam ao prazer quando a possuíam, e os que se compraziam sem nenhuma consideração pelo seu prazer, pareciam-lhe o próprio resgate de seu erro (p.100).

“O” encontrava na submissão a *René* uma forma de sentir-se presa a ele. Ela detestava a liberdade, por sua liberdade, separá-la de seu amante, sendo que “O fato é que René a deixava livre e que detestava a liberdade. Sua liberdade era pior do que qualquer corrente” (p.107). Essa liberdade, permitiria que “O” tivesse *Jacqueline* nos braços, modelo que “O” conhecera e fotografava em seu trabalho no setor de modas de uma agência fotográfica e pela qual nutria uma paixão, mas que lutava contra esse desejo, criando obstáculos em seu próprio coração para que não cedesse a esse lampejo.

A obra desdobra-se em várias narrativas sobre os jogos sexuais a que “O” era submetida. Nesses momentos, “O” vai tendo cada vez mais seu corpo marcado e dilacerado: marcado a ferro em brasa, preso por argolas em seus órgãos sexuais, totalmente depilada para manter fácil o acesso à sua genitália. É, ainda, levada a festas nas quais apresenta-se totalmente despida para que todos pudesse ver seu corpo marcado, como um objeto decorativo, fato que causava admiração e/ou horror aos que a apreciavam.

Diante deste breve enredo da obra, cabe iniciar uma articulação teórica para se compreender como, em sua história, “O” posiciona-se no contrato masoquista. A personagem “O”, portanto, interessa na medida em que evidencia uma condição peculiar na forma de uma mulher se posicionar em sua relação com o Outro.

Outro aspecto importante é que Jean Paulhan faz menção à sua certeza de que Pauline Réage era uma mulher. Ressalta que os detalhes observados que remetem ao inusitado que não seria dito por um homem: “no dia em que René a entrega a novos suplícios, O guarda suficiente

presença de espírito para observar que os chinelos de seu amante estão gastos e que será necessário comprar outros” (p.8).

Há, na obra utilizada, dois desfechos que encerram o texto literário: em uma versão o último capítulo teria sido suprimido e “*O*” estaria de volta a *Roissy* após ter sido abandonada por *Sir Stephen*; na outra, vendo-se às vias de ser abandonada por *Sir Stephen*, “*O*” prefere morrer e ele consente.

Contudo, conforme já destacado anteriormente, o intuito deste trabalho não é analisar o autor, mas a personagem “*O*”, o que faz com que essa discussão acerca da verdadeira autoria do livro torne-se, apesar de importante, irrelevante para a discussão proposta.

Com efeito, interessa estabelecer subsídios teóricos para comporem a análise do caso, tendo no horizonte a busca pela compreensão do processo de subjetivação dos sujeitos femininos que sustenta a manutenção em vínculos violentos.

3.2 Vínculo e contratos masoquistas

Para estabelecer uma melhor compreensão dos vínculos em Psicanálise, faz-se imprescindível apresentar uma noção do caminho percorrido na escolha de objeto dos sujeitos femininos para, posteriormente, analisar a peculiaridade da escolha por vínculos violentos, estabelecendo contrapontos com os conceitos já apresentados do desamparo, masoquismo, Édipo feminino e a personagem “*O*”.

Ponderações acerca da Escolha de Objeto

Cabe, neste momento, buscar compreender as peculiaridades da escolha de objeto de “*O*” para suscitar a discussão sobre a posição masoquista e suas relações com o feminino no

vínculo enredado pela trama.

Sabe-se, com Freud (1910[1909]/2006), que a escolha de objeto tem intrínseca relação com os primeiros vínculos da criança, a saber, as figuras parentais. Sobre este ponto, não há na obra de Réage (1954/1972), relatos sobre a história pregressa de “O”, o que dificulta a análise sobre a forma como “O” se relaciona com os objetos parentais.

Contudo, a questão sobre como ocorre o afastamento da menina de sua mãe, para estabelecer os vínculos posteriores, interessa sobremaneira, pois parece que o sujeito objeto desta pesquisa, a personagem “O”, estabelece com seus parceiros amorosos, uma ligação análoga à ligação primordial com a mãe, na qual há um amor infantil ilimitado, conforme descrito por Freud (1931/2006), caso não haja o desligamento da mãe.

Freud (1910[1909]/2006), no texto *Cinco Lições de Psicanálise*, ressalta que no caminho para o desenvolvimento normal da escolha de objeto, haverá a influência do recalque que irá repelir o auto-erotismo e impedir que haja uma “fixação às pessoas da primitiva escolha de objeto” (p.56). Depreende-se disto que o autor estabelece que a escolha de objeto realizada posteriormente, na fase adulta, se dará por influência da escolha infantil, ou seja, com uma fixação ao modelo do primeiro objeto de amor que tem como modelo um dos genitores.

Em relação a essa questão, Freud (1910[1909]/2006) incita que:

A primitiva escolha de objeto feita pela criança e dependente de sua necessidade de amparo exige-nos ainda toda a atenção. Essa escolha dirige-se primeiro a todas as pessoas que lidam com a criança e logo depois especialmente aos genitores. A relação entre a criança e os pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico do adulto concordemente demonstram, absolutamente livres de elementos de excitação sexual. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos (p.57).

Com isso, Freud (1910[1909]/2006) continua ponderando que ocorrerá um movimento

da libido, não ficando, portanto, fixa no primeiro objeto de amor, mas tomará este objeto como modelo para a escolha definitiva. Ainda, de acordo com o autor, diante da falha nos mecanismos de recalque, o auto-erotismo pode não ser superado completamente, nem a fixação no primeiro objeto de amor, produzindo distúrbios que causam entrave no desenvolvimento da função sexual. Em função disso, Freud (1909[1910]/2006) atribui a esse movimento da libido a importância para a passagem no complexo do incesto¹⁶.

Parece que “*O*” mantém com seu amante René, este tipo de relação objetal dos primórdios, análogo à relação entre mãe-filho, na qual a criança, e neste ponto, “*O*”, é o objeto que completaria a mãe, estabelecendo uma função de falo.

Freud (1923b/2006) menciona que as transformações sofridas durante o desenvolvimento sexual da infância produzem três antíteses. A primeira, introduzida com a escolha de objeto “pressupõe um sujeito e um objeto” (p.161); a segunda, que ocorre durante o estádio da organização pré-genital, produz a antítese ativo-passivo; a terceira, no estádio da organização genital infantil, será produzida a partir da masculinidade, entre o possuir o órgão ou ser castrado. Para o autor,

Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino e feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (Freud, 1923b/2006, p.161).

A partir dessas considerações freudianas, cabe mencionar o fato de como “*O*” corporifica esse lugar de objeto passivo, conforme Freud alega como sendo o lugar do feminino. Quanto a esse fato, encontramos em Réage (1954/1972) a submissão a que “*O*” se entregava:

¹⁶ Neste texto, Freud (1909[1910]/2006) ainda não havia utilizado a expressão Complexo de Édipo, termo que ele utiliza pouco após esta conferência, conforme nota de rodapé. Contudo, pode-se inferir que o autor se referia à interdição do incesto e ao Complexo de Édipo a que toda criança passa.

“Como ela o amava, só podia amar o que vinha dele. *O* escutava e tremia de felicidade, pois ele a amava; tremia e consentia” (p.47).

Com efeito, a questão da identificação surge como anterior à escolha de objeto, fazendo-se necessário estabelecer um contraponto entre tais conceitualizações. Há uma insofismável importância no papel das identificações em suas relações com a escolha de objeto. Freud (1921/2006), no texto *Psicologia de grupo e a análise do eu*, ressalta que a identificação “desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (p.115). O autor destaca que há, na identificação, uma ambigüidade que pode ser expressa por um sentimento de ternura ou por um sentimento de hostilidade, de afastamento; ou seja, pode-se querer aproximar ou afastar da pessoa com a qual se identifica.

Neste texto, Freud (1921/2006) diz que há uma distinção entre a identificação e a escolha de objeto, sendo que na identificação ocorre o primeiro laço do sujeito, antes que a escolha de objeto tenha sido feita, já que “a identificação constitui a forma mais primitiva e original de laço emocional” (p.116). Segundo o autor, a identificação está ligada ao sujeito e àquele que ele gostaria de ser; na escolha de objeto, há uma ligação com o objeto e com aquele que gostaria de ter. Na identificação estabelece-se o laço com o sujeito na busca pelo ser e na escolha de objeto o laço é com o objeto. Estabelece, assim, a primeira das três modalidades de identificação.

Parece haver em “*O*” identificação com a primeira modalidade proposta por Freud. A personagem ocupa o lugar de objeto de desejo que completaria seus amantes por trazer-lhes prazer em submetê-la aos seus caprichos. Pode-se supor que esta identificação se aproxima da identificação infantil da criança em ser o falo da mãe, que supostamente a completaria, ou seja, ser o objeto de desejo da mãe. Isso pode ser evidenciado pela passagem em que *Sir Stephen* diz a “*O*” que iria amordaçá-la e chicoteá-la, ao que “*O*” responde “eu sou sua” (p.110), o que corresponde que ele poderia fazer com ela o que desejasse.

Apesar de haver correlação com a personagem analisada com a primeira modalidade de identificação, faz-se imprescindível, contudo, apontar as outras modalidades de identificação. Na segunda modalidade, o que está em questão é a regressão à identificação de uma escolha de objeto abandonada. Segundo Freud (1921/2006), “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação” (p.116), havendo, deste modo, introjeção do objeto no eu, ou seja, o eu passa a assumir as características do objeto abandonado.

A terceira modalidade de identificação é notoriamente marcada por deixar de fora a relação com a pessoa na qual se identifica. Há, de acordo com Freud (1921/2006), algo comum com a pessoa com a qual o sujeito se identifica, porém, não há nenhum investimento enquanto objeto de pulsão sexual.

Ainda no texto *Psicologia de grupos e a análise do eu*, Freud (1921/2006) irá fazer menção ao ideal do eu enquanto instância que se isola do eu e estabelece uma relação conflituosa com este. O teórico ressalta que o ideal do eu é herdeiro do narcisismo original, visto que havia na criança características de auto-suficiência, mas que, pelas exigências da civilização, há a imposição de cobranças que farão com que o eu encontre satisfação por seu ideal, caso não encontre satisfação suficiente em si mesmo. Com efeito, são características do ideal do eu “a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão” (Freud, 1921/2006, p.119).

Em outro momento de sua obra, Freud (1933[1932]/2006) irá ponderar sobre a escolha de objeto e sua relação com o ideal narcisista do homem para a mulher.

Os fatores determinantes da escolha objetal da mulher muitas vezes se tornam irreconhecíveis devido a condições sociais. Onde a escolha pode mostrar-se livremente, ela se faz, frequentemente, em conformidade com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se (p.132).

Neste tipo de escolha de objeto parece haver a identificação com o sujeito que a menina gostaria de ser. Sendo assim, o que houve não é uma escolha objetal, mas uma identificação que promoveu a ligação a um sujeito, conforme visto anteriormente, pela primeira modalidade de identificação proposta por Freud (1921/2006).

Zalcberg (2003) aponta que as mulheres buscam pelo narcisismo a compensação de sua condição faltante. Segundo a autora,

Freud suspeitava que as mulheres, consideradas por ele seres narcisistas, procurando ser amadas mais do que amar, buscavam por meio do narcisismo uma certa compensação. A vaidade física das mulheres, mencionada por ele com um misto de admiração e desdém, tem papel importante no desenvolvimento da identificação feminina na mulher. Nos encantos da feminilidade, as mulheres acham, de certa forma, uma solução para lidar com a sua condição indefinida enquanto mulher. Ao exaltar os encantos do seu corpo feminino, a mulher cria uma possível feminilidade. Através do narcisismo pelo qual a mulher encontra uma compensação para sua falta de identificação propriamente feminina, ela enraíza parte de sua estrutura simbólica no imaginário (p.185).

Parece haver em “*O*” a busca incessante por ser amada e ela utiliza de seus atributos femininos para capturar o olhar dos amantes. Em sua primeira saída após o retorno de *Roissy*, “*O*” se maquiou (como faziam com ela no castelo) e esperou o momento de encontrar-se com *René* que iria apresentá-la a um amigo. “Quando finalmente a ouviu (a campainha) e levantou-se para sair, vislumbrou no espelho, antes de apagar a luz, seu olhar ousado, doce e dócil” (Réage, 1954/1972, p.76). “*O*” preocupava-se em arrumar-se para agradar, antes de tudo, o seu amante.

Contudo, a personagem “*O*” utilizava de seu corpo, através dos jogos de sedução, como uma via na busca por um significante que a definisse. Nesses jogos de sedução, não estariam somente homens, mas também mulheres com as quais, supõe-se, “*O*” buscaria a identificação

e a insígnia que a nomeasse mulher.

Nesta busca por significantes

O tinha uma ideia bem clara do que procurava nas mulheres. Não que quisesse dar a impressão de rivalizar com os homens, ou de compensar, por um comportamento masculino, alguma inferioridade feminina que absolutamente não experimentava. É verdade que há vinte anos tinha se surpreendido ao fazer a corte à mais bonita de suas colegas (...) Costumava beijar-lhe a mão e ocasionalmente a boca, se possível, na rua. Mas ostentava esses modos mais para escandalizar, mais por infantilidade do que por convicção (p.103).

Samico (2012) aponta que a escolha de objeto é uma posição na qual os sujeitos irão localizar-se, não tendo relação, portanto, com a biologia. A autora destaca que “tanto a posição masculina quanto a feminina são indicadores de uma divisão do sujeito e a escolha de uma das posições é efeito da localização do sujeito em um dos campos: o esquerdo, chamado masculino, ou o direito, chamado feminino” (p.7).

Supõe-se que “*O*” encontra-se no lado direito nesta divisão, no lado feminino. Apesar de demonstrar, em alguns momentos, tentativas de lançar-se como quem conduziria os jogos de sedução, há a prevalência de seu posicionamento na servidão aos seus amantes nos jogos sadomasoquistas. Esta submissão só ocorria aos homens, enquanto o posicionamento ativo na condução dos jogos somente ocorria em relação a “*O*” com as mulheres.

Para melhor compreensão do posicionamento dos sujeitos em relação à escolha na partilha sexual, cabe considerar o processo de sexuação proposto por Lacan em articulação com o amor feminino, ponto relevante desta pesquisa.

Sexuação e amor feminino

Como há limitações na obra que permitiriam uma análise mais pormenorizada do trajeto percorrido na escolha de objeto da personagem “*O*”, as contribuições acerca da sexuação, proposta lacaniana, contribuirão para a investigação sobre a posição em que “*O*” mantém-se na relação com seu amante *René*.

Interessa analisar a posição de “*O*”, a dimensão da submissão apaixonada. Sob este prisma, supõe-se que a personagem busca a punição, o que a coloca em uma posição infantil, em que se submete aos caprichos do Outro, norteada pela incessante demanda de amor. Neste sentido, é possível relacionar “*O*” ao lado feminino no processo de sexuação, pela demanda incessante de amor e pelo posicionamento como objeto do Outro.

Para Brodsky (2002/2003), o processo de sexuação trata-se “de uma escolha que, além das identificações imaginárias e simbólicas, põe em jogo a “insondável decisão do ser”” (p.34). A autora, fazendo referência a Lacan, relembra que o autor ressaltou que há uma “decisão do ser” visto que a criança pode rechaçar a impostura paterna. Esclarece ainda que a sexuação está para além do campo das identificações. Destaca, portanto, que na sexuação está implicada uma escolha na qual há a dependência do significante fálico, porém, aponta que a posição do sujeito frente ao falo pode ser de aceitação ou rechaço.

A questão da sexuação apresenta-se em Lacan (1972-1973/1998), como a tentativa de ultrapassar os referenciais propostos pela obra freudiana, no ultrapassar da lógica do ter ou não-ter o falo.

Depreende-se que na lógica do ter ou não-ter, uma das saídas encontradas pelo sujeito em posição feminina é o de fazer-se de falo. Contudo, “*O*” reconhece-se, não como objeto a ser exaltado, mas como objeto de desprezo: “sentia-se literalmente, o receptáculo da impureza, o esgoto de que falam as Escrituras” (p.57), o que pode ser observado também no decorrer de toda a obra. “*O*” sempre questionava se *René* a amava ou não, e acreditava, em muitos momentos, que ela não era digna de seu amor. Entretanto, “*O*” se acalentava com as palavras

ditas pelo amante que sempre respondia que a amava.

Segundo Lhullier e Fayad (2015), é pela via da escrita da diferença sexual descritas pelas fórmulas da sexuação que Lacan buscou distinguir a posição masculina da posição feminina e estabeleceu suas relações com o gozo, o desejo e o amor. Segundo as autoras, na retomada da teoria lacaniana há um abandono do ter ou não-ter, que estaria relacionado às posições do ter do lado masculino e não-ter do lado feminino para avançar em uma perspectiva para além do falo.

Na releitura da teorização freudiana, Lacan (1972-1973/1998) abandona a noção baseada em ter ou não-ter para relacionar a questão da partilha sexual ao todo ou não-todo, na qual os sujeitos estariam todo ou não-todo inseridos na lógica fálica. Para Samico (2012), devido à falta de significante que nomeie a mulher, estabelece-se como consequência “uma vacuidade essencial e a atribuição de receber, somente a partir “da fantasia do homem, uma identidade com alguma consistência” (p.8).

Neste sentido, “*O*” apresenta-se como aquela que busca, nas fantasias do homem que supõe amá-la, encontrar essa insígnia que a nomeie mulher. Prostituída, subjugada, submetida aos anseios de René, “*O*” encontra no suplício a continuidade do amor de *René* por ela.

O pensava nos prisioneiros, como os que se vêem nas gravuras dos livros de história, que também tinham sido acorrentados e chicoteados há muitos anos ou séculos, e que tinham morrido. Não desejou morrer, mas se o suplício era o preço a pagar para que seu amante continuasse a amá-la, desejou apenas que ele ficasse contente por tê-lo padecido, e esperou, doce e calada, que o conduzissem para ele (Réage, 1954/1972, p.42).

Freud (1914/2006), no texto *Sobre o Narcisismo*, destaca as formas de amar de homens e das mulheres. O autor ressalva que, para as mulheres, especialmente as belas, “sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças” (p.95). Neste sentido, esta forma de amar das mulheres

equipara-se à forma narcísica de amar, na qual qualquer possibilidade de perda do objeto colocaria em questão o ferimento de seu narcisismo.

Sobre a questão do amor feminino, cabe enfatizar que, para “*O*” no vínculo com *René* há sempre a preocupação em ser amada. Esta preocupação ultrapassa a relação entre eles, visto que ao entrar em uma relação com *Sir Stephen*, homem que possui laço com *René*, consideram-se como irmãos, há a preocupação de “*O*” se este homem, além de possuí-la, poderia também vir a amá-la (Réage, 1954/1972).

Miller (1998/2003), seguindo a obra lacaniana, destaca que para a mulher, o desejo passa pelo amor, enquanto que, para o homem, o desejo está relacionado ao gozo. O autor aponta que o amor sugere um menos, suposto pela castração. Neste ponto, não parece haver em “*O*” o desejo que passe pelo amor. Parece sim, haver um gozo relacionado ao ilimitado do corpo. “*O*” não parece submetida à lógica da castração, à partilha dos sexos. Há, em “*O*”, a presença marcante da demanda ilimitada de amor, que se apresenta pelas incessantes vezes em que “*O*” solicita a *René* que diga que a ama, o que perpassa toda a obra; e por ter como preocupação, em relação à *Sir Stephen* (ao ser cedida a ele) se ele iria amá-la como *René* a amava.

Mendonça (2013) aponta que a demanda infinita de amor conduz para a devastação. Sobre esta questão, a autora, citando Zalcberg (2007), destaca que a mulher busca no amor o significante que lhe falta, enquanto mulher; o significante que não foi possível ser dado por sua mãe, dado que ele não existe. Há, portanto, nos sujeitos femininos, uma demanda de amor, de que o Outro fale, pois se ama com o amor dado pelo Outro. Ainda para a autora, este amor conduz ao gozo.

Ainda, quanto a essa questão, Samico (2012) esclarece que “diante desse gozo, fora da lógica fálica e da falta de um significante que defina o que é uma mulher, a devastação se apresenta como uma modalidade no vínculo entre uma mulher e sua mãe e, por isso, passível de atuar nas parcerias amorosas” (p.12).

Assim, é possível pensar que há entre “*O*” e seus amantes uma relação vincular em que não houve o ultrapassamento, ou seja, o desligamento da relação com o Outro Materno, seja pela demanda incessante de amor, seja pela falta de limites que impõe a seu corpo, estabelecendo relação de total submissão, servidão e cessão de si. Esta ligação remete à escolha por parceiros amorosos que conduz à devastação.

3.3 Parceiro Devastação

O termo devastação não surge nas construções teóricas freudianas, mas foi mencionado por Lacan, em diferentes momentos de sua obra, como por exemplo no texto *O Aturdido* (1972/2003) e em *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973/1998) designando que a relação mãe-filha pode ser devastadora para uma mulher que espera da mãe insígnias que denomine seu ser, um significante que a nomeie, mas não é encontrado. Posteriormente, devastação pode referir-se à forma como a mulher, na parceria amorosa, estabelece laço com o homem, “herdeiro da relação com a mãe e, mais precisamente, das censuras feitas à mãe, e se torna, indo atrás dela, alvo da reinvindicação fálica” (Soler, 2005, p.184).

Para Lacan (1969/2003), a relação que a criança estabelece na família conjugal pode representar o sintoma da estrutura familiar. Neste sentido, Fuentes (2003) destaca a relação da mãe como sintoma e argumenta que, quando a relação com a mãe é sintomática, o que resta é um estrago: “quando, por alguma razão, não se dá o deslocamento do objeto amoroso, resta a mãe como um estrago” (p.66).

Lacan (1972/2003) ao ponderar sobre a relação entre os sexos, ressalta que as mulheres, por vezes, empenham-se em bancar o calçado para o calçador. O autor faz, com esse joquete de palavras, uma menção à devastação e sua relação com a “Não relação sexual” que comporta a castração como ponto de partida:

Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância do que do pai (p.465).

Para Soler (2005), o termo devastação na teorização lacaniana é utilizado inicialmente, para referir-se à relação mãe-filha e retomado como forma de designar a relação de aflição estabelecida com o homem-devastação. A autora ressalta que ao falar que a mulher é sintoma (mulher-sintoma) para o homem, no caso da mulher, o parceiro homem-devastação significa “as agonias da dor e a destruição que aniquila” (p.184).

Em Freud (1931/2006) o termo que se apresenta como análogo ao termo devastação, em Lacan, é catástrofe. Campanário (2010) aponta que Lacan, ao cunhar o termo devastação está retomando o termo catástrofe na obra freudiana. Para a autora, “devastação e catástrofe, portanto, se referem aos laços estabelecidos entre uma menina e sua mãe e àquilo que, dessa ligação, resta na subjetividade feminina” (p.56).

Marcos (2011) sugere que a “catástrofe” freudiana é, para a filha, a ligação primitiva com a mãe. A autora propõe que a catástrofe, logo, a devastação, “está intimamente ligada ao destino do falo na menina e ao *Penisneid*” (p.271).

Neste sentido, Alvarenga (2003) propõe a devastação como uma das modalidades do *Penisneid*. Para a autora,

a devastação é uma das consequências da sexualidade feminina, derivada da inveja do pênis: a mãe é designada como responsável pelo que falta à filha, e suposta gozar disso. A intensidade do ódio dirigido à mãe é proporcional à intensidade de amor que o precede e à decepção sofrida pela criança (p.46).

Desta forma, fica exposta a relação existente entre a devastação e a complexidade da

relação mãe-filha. A devastação apresenta-se, portanto, como uma das saídas frente à falta de significante, visto que a mãe não possui o significante que nomeie a mulher para concedê-lo à filha. Ao ter que se deparar com o que falta à mulher e, portanto, à mãe, uma das saídas possíveis encontradas pela filha é lançar-se em busca do significante da mulher pela incessante demanda de amor encontrando em seu horizonte a devastação. Para melhor compreensão do fenômeno, cabe analisar o termo pelo viés de autores contemporâneos e estabelecer sua relação com a posição ocupada por “*O*” na sua parceria amorosa.

De acordo com Miller (1998/2003), o termo devastação tem origem francesa (*ravage*) e deriva de arrebatar (*ravir*) que origina do termo *rapire*, do latim popular, “apreender violentamente”, do qual derivou a palavra “rapto” (p.20).

Cabe, ponderar sobre a estreita relação que a origem da palavra remete: devastação e arrebatamento teriam a mesma origem. Sobre isso pode-se conjecturar que em “*O*” tanto o que a devasta, é o que causa seu arrebatamento, entendendo por arrebatamento um estado de felicidade extrema.

Apesar de haver referência ao termo devastação no texto lacaniano, como, por exemplo, em *O Aturdito* (1972/2003), Miller (1998/2003) aponta que “o termo devastação, como simétrico em relação ao sintoma, não ocorreu a Lacan por meio de sabe-se lá qual inspiração” (p.19). Sobre este ponto, o autor apresenta que não há clareza da noção de devastação em relação à parceria amorosa, como há em relação ao sintoma, sendo que o termo é utilizado por meio de leituras do texto lacaniano propostas por analistas contemporâneos.

Para Miller (1998/2003), o termo devastação, na obra lacaniana, surge escamoteado, porém pode-se apreender mostrando-se como a outra face do amor. Segundo o autor, apesar de o termo devastação estar presente na obra lacaniana, não surge sob a formalização de conceito e, por isso, está escamoteado; não adquire estatuto de conceito sendo apenas mencionado e focalizado, posteriormente, por autores contemporâneos que o elevam à categoria conceitual.

Miller (1998/2003) esclarece que “a devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande A barrado, não-todo, no sentido do sem limite” (p.19). Destaca ainda que a devastação encontra-se na linha oposta ao sintoma, visto que “o sintoma é um sofrimento sempre limitado, um sofrimento localizado” (p.19); ao passo que a devastação está no campo do ilimitado, do inclassificável, “é uma depredação, uma dor que não pára, que não conhece limites” (p.20).

Seguindo neste mesmo viés, Alvarenga (2003) ressalta que

A devastação é uma depredação que se estende a tudo, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que o Outro pode ser o parceiro devastação, mas pode, também, ser o modo como acontece o arrebatamento para uma mulher (p.46).

A escolha pelo parceiro devastação comportaria uma via de (re)excesso da desordem pulsional primitiva, remetendo ao desamparo fundamental, infantil, produzindo, desta forma, a situação de desamparo, análoga à do pânico, na qual Menezes (2006) afirma que “o perigo é o de perder o amor do objeto, o perigo é o desabamento de todo o mundo simbolicamente organizado” (p.197), ainda que essa ordenação se organize em torno de um sofrimento.

Zalcberg (2003) destaca que a mulher quando não se presta a colocar-se na posição de objeto em relação ao desejo do homem encontra dificuldades em assumir sua feminilidade. Para esta autora, a mulher “passará a viver-se devastada não só ao nível da fantasia, mas efetivamente, reduzida a mero objeto do qual o outro poderá gozar” (p.106).

“*O*” representa a condição da mulher que se apresenta, não em posição de objeto ao homem, mas como objeto do homem. Ela é o objeto que julga aplacar a falta deste.

“Como é fácil para você consentir, quero algo que lhe seja impossível consentir, mesmo que consinta antes, mesmo que diga sim agora e se sinta capaz de submeter-se. Não poderá deixar de se revoltar. Sua submissão será obtida apesar de você, não apenas pelo incomparável prazer que eu ou outros encontrarão nisso, como para que tome

consciência do que fizeram com você”. O ia responder que era sua escrava e que suportava com alegria essa escravidão, mas ele lhe interrompeu: “Disseram-lhe ontem que enquanto estivesse no castelo não deveria olhar para um homem no rosto nem lhe falar. O mesmo deve fazer comigo; deve apenas calar-se e obedecer. Amo-a. Levante-se. De agora em diante só abrirá a boca na presença de um homem para gritar ou para acariciar”. O levantou-se. René continuou deitado (p.47).

Lhullier e Fayad (2015) apontam que há um excesso que acompanha a noção de devastação na mulher e que relaciona-se com “os efeitos da decepção amorosa da mulher em relação ao homem” (p.195). As autoras, citando Lacan (1975/1976), ressaltam que a aflição sentida por uma mulher diante da possibilidade de ser abandonada por um homem localiza-se não como um sintoma, mas sim é pior do que isso, é uma devastação.

Neste ponto, cabe mencionar como “*O*”, diante da ousadia dos homens que a possuíam sem que ela pudesse ter nenhuma reação, sente-se culpada quando um dos homens do castelo foi a um lugar que ela jamais permitiu que seu amante René chegasse.

O percebeu imediatamente que não escaparia a essa carícia que nunca aceitara sem se debater e ficar coberta de vergonha, da qual se esquivara rapidamente, tão rápido que mal tinha tempo de ser atingida, e que lhe parecia sacrilégio que seu amante estivesse a seus joelhos quando ela é quem deveria estar aos seus (p.44).

Mesmo sendo *René* que conduzia “*O*” a este suplício, o que resta em “*O*” é a certeza do abandono pelo amante que, tendo segurado-a e empurrado-a “para o desconhecido” (p.45), a faz gemer como nunca seu amante a fizera.

Havia gemido sob os lábios do estranho, como nunca seu amante a fizera gemer, tinha gritado sob o choque do membro do estranho como nunca seu amante a fizera gritar. Sentia-se profana e culpada. Seria justo que a abandonasse (p.45)

No entanto, após a saída do estranho, *René* volta-se a “*O*”, deita-se junto a ela e diz

que a ama, o que promove em “*O*” o apaziguamento de seu sofrimento, afastando qualquer dúvida que havia levantado sobre o fato de *René* amá-la ou não.

Dupim e Basset (2011) destacam que a obra freudiana indica que o ser humano busca a felicidade através do amar e ser amado. As autoras parafraseam Freud, no texto *Mal-estar na civilização*, apontando que “a perda do amor, para uma mulher, ou do objeto amado, para o homem, constitui uma das fontes de infelicidade e desamparo” (Dupim e Basset, 2011, p.1).

Lhullier e Fayad (2015) assinalam que a versão do não-todo feminino suporta duas figuras de mulher: uma verdadeiramente feminina, marcada pelos signos da falta; e outra, em contraponto com a primeira, que presentifica o excesso. As autoras advertem, contudo que,

Na primeira vertente, é o sinal de menos que se destaca. Na segunda, sobressai o excesso, o exagero, ou seja, a falta de limites. De uma maneira ou de outra, nos dois casos a fronteira, o critério, o equilíbrio, ficam do lado do macho, enquanto o que excede essa ordem é tomado por transgressão. Ou seja, são ambas referenciadas pela lógica própria da ordem fálica (p.194).

Sendo assim, é possível destacar que a personagem “*O*” estaria do lado da segunda vertente, do lado do excesso que estabelece relação referenciada com a lógica fálica, do exagero e da falta de limites que a faz entregar-se de forma que a aproxima da própria morte, pois, “*O*” “perdia-se numa delirante ausência de si mesma, que a entregava ao amor, aproximando-a talvez da morte” (pp.52-53). Para “*O*” não há limites de acesso do outro ao seu corpo.

Para Birman (1999b),

Pelo erotismo o sujeito busca a todo custo a completude corporal, o fechamento de suas fendas, para barrar o abismo existente entre o dentro e o fora. Dessa maneira, seria a incompletude corpórea e a não-suficiência do sujeito o que criaria a condição de possibilidade do erotismo. “Eu erotizo, logo sou incompleto”, parece enunciar o cogito

freudiano sobre o sujeito (p. 33).

No que tange à erotização, conforme apresentada por Birman (1999b), é evidente que em “*O*” há uma falha que a aproxima da morte. Pode-se pensar nessa falha estrutural como aquela que, do masoquismo erógeno, desdobra-se em masoquismo feminino.

Sob o prisma deste desdobramento do masoquismo feminino cabe pensar acerca da relação do sujeito e seu posicionamento frente ao Outro; pois, há a dependência absoluta de quem o sustenta psiquicamente, havendo, assim, a relação entre masoquismo feminino e o infantil, o que implica na relação com o Outro Primordial.

Com isso, Zalcberg (2003) aponta duas dimensões possíveis na identificação inicial da mulher nesta relação. Segundo a autora,

A mulher fazer com que sua identificação inicial se limite a um reflexo no olhar do Outro para a partir dele construir uma consistência para si própria tem toda uma dimensão criativa. Pode também assumir uma dimensão trágica. (p.152)

Essa dimensão que a autora nomeia como trágica é a devastação. Zalcberg (2003) destaca que a devastação supõe uma relação trágica entre mãe-filha na qual a mãe não recobre a menina com o manto imaginário que a fará, posteriormente, reconhecer-se como imagem vista. Para a autora,

Só quando a criança recebe uma cobertura imaginária é que pode se ver; isto é, quando se torna imagem e se assegura dela. Se o outro não a vê, a criança não vê nada; simplesmente porque não há nada para ver, já que como objeto, ela não tem existência. É preciso que o olhar ou o sorriso de sua mãe digam, de alguma maneira, à criança: ei-la. (p.155)

“*O*” é exposta como objeto em uma festa na qual *Sir Stephen* a leva como material de exposição. Pode-se depreender, pelo exposto, que parece não haver, para “*O*” esse olhar que a vê, que a faz constituir-se enquanto sujeito. Parece que esta falta de referência a situa no lugar

do nada.

Quanto à noção de nada, na qual, o sujeito pode reduzir-se, Ribeiro (2008) salienta que a negativação dos referenciais fálicos ou de seus substitutos, no sujeito feminino aproxima-o do nada. A autora diz que esse tipo de amor, encontrado em “*O*”, que a reduz a nada, a fazia supor que estava alcançando o amor daqueles a quem ela submetia-se. Parece haver, na busca incessante pelo inexpressível, nesta demanda absoluta de amor, um excesso que a lança para a morte, ao vestir-se com a máscara do masoquismo utilizando-a como recurso que supostamente capturava e satisfazia a fantasia dos seus amantes, mas que causa “um transbordamento, um excesso, que a lança para fora dos limites da vida” (Ribeiro, 2008, p.94).

De acordo com Dupim e Basset (2011) há uma relação intrínseca entre devastação e demanda infinita de amor. Para as autoras, “Na devastação há uma demanda de amor infinita na qual o importante é ser amada mesmo que como objeto-dejeto” (p.5).

Para Samico (2012), na atualidade, a questão da devastação surge na clínica com mulheres testemunhando consequências funestas. De acordo com a autora, tais consequências da devastação apontam para o estabelecimento de laço com um gozo mortífero que se liga à pulsão de morte e que anula a conexão do sujeito com seus objetos parciais por arruinar a fantasia apoiada no erotismo.

Alvarenga (2003) assinala que

Tanto o arrebatamento quanto a devastação provêm da falta de um significante para nomear algo para uma mulher. Pois o fato que a castração esteja para ela na origem, contrasta dolorosamente com o fato de que o Outro não tem como nomear seu ser de mulher. Podemos pensar, então, que há uma tendência estrutural, nas mulheres, para a devastação e/ou para o arrebatamento (p.47).

Em Souza (2014), a devastação compreende as demandas de amor pleno que a filha endereça à mãe na tentativa de obturar a falta, mas na qual não encontra legitimação. A autora

propõe que a devastação supõe um fenômeno subjetivo que deixa marcas na mulher, tanto no seu corpo, nas suas parcerias amorosas, quanto em relação às perdas, ocasionadas pela relação mãe-filha. Esclarece que a demanda da menina dirigida à mãe, e não legitimada, transformar-se-ia em devastação por colocar em jogo a relação com o Outro materno em relação a seu corpo.

Para a autora,

A demanda pode levar a menina à devastação, na medida em que sua legitimação por parte da mãe se torna impossível. É a relação especular que está em jogo, onde a menina busca no olhar do Outro materno, o assentimento para seu corpo. É o olhar do Outro que permite o recobrimento imaginário do corpo, um corpo que traz em si a marca de um real dessexualizado (p.2051).

Em “*O*” fica evidente essa relação com o corpo e suas marcas, a deformação e anulação de seu corpo. Ela foi obrigada a usar uma cinta para afinar sua cintura para que seu corpo ficasse com o aspecto que agradasse seus amantes e, ainda, forçada a utilizar anéis com o nome de Sir Stephen gravados, que foram colocados nos lóbulos de seu ventre; marcada com ferro em brasa, a mando de *Sir Stephen*.

Com efeito, sobre a demanda infinita de amor, há na narrativa da história de “*O*” diversas passagens na qual a personagem demanda o amor a *René*. Cabe destacar que estava em jogo as insígnias do amor, não se importando com o preço que pagaria por isso. “*O*”, após um longo tempo sem encontrar-se com seu amante *René*, procura-o em seu escritório. Tinha medo de ser repreendida por isso, pois nunca havia ido lá, e foi recebida com questionamento sobre o que havia acontecido para que ela o procurasse, ao que “*O*” responde: “tive medo de que não me amasse mais” (p.142); e continua “o que farão comigo me é indiferente, mas digame se me ama ainda”(p.142). *René* corresponde à sua demanda de amor dizendo “Meu coraçãozinho, eu te amo”, entretanto, ressalta o fato de que ela deve ser obediente e permitir que *Sir Stephen* operasse as mudanças que pretendia em seu corpo. Segundo Campanário

(2010), a devastação relaciona-se à falta de significante na mulher que suture sua falta fálica. Para a autora, a devastação compõe-se de uma face fálica reivindicatória do desejo da mãe e outra, não toda fálica, ligada à dificuldade de simbolizar o gozo feminino” (pp.58-59).

Isso evidencia que a mulher não está toda inserida na lógica fálica, há um sem limites, um excesso, para além das insígnias fálicas que comporiam o gozo outro que não o gozo fálico. De forma resumida, Campanário (2010) pondera sobre a devastação como a forma particular da linguagem se manifestar no sujeito pela ligação com o Outro primordial que emerge na instauração do traumático do sexual em que não há a lógica fálica sob a égide da troca ou da perda, embora o falo não esteja excluído. É, portanto, um resto inassimilável da relação com a mãe que marca a subjetividade feminina.

Ribeiro (2008), ao investigar sobre a relação entre o masoquismo e o feminino, sugere que o masoquismo no feminino surge como uma máscara para atrair o desejo masculino. Utilizando a personagem “*O*”, a autora entende que há nesta personagem a ocorrência do ultrapassamento do recurso da máscara que vislumbra o horror do aniquilamento. Ainda, de acordo com esta autora, o que ultrapassa, transborda a máscara do masoquismo é a devastação, e pode-se supor que “*O*” foi devastada em decorrência deste amor que ignora o desejo, “amor, que aponta mais para o gozo do que para a castração, visto que, em sua abnegação, ela atende incondicionalmente à vontade de gozo do seu amante” (p.100).

Soler (2005) aponta que o núcleo da devastação é esse gozo outro, fora de simbolização e que surge como aniquilador do sujeito. Para a autora,

É esse o núcleo da devastação: é o gozo outro que devasta o sujeito, no sentido forte de aniquilá-lo pelo espaço de um instante. Os efeitos subjetivos deste eclipse nunca faltam. Vão da mais leve desorientação até a angústia profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação (p.185).

E assim “*O*” termina, ao que parece, devastada, aniquilada em sua busca por fazer-se

mulher, enlaçando-se ao Outro devastador, que a reduz a nada. Isso sugere que é neste lugar e posição que “*O*” identifica-se como mulher, localizando-se como objeto, aniquilada de sua posição de sujeito.

Com isso, a personagem “*O*” não pode ser considerada como masoquista, termo popularmente utilizado para designar alguém que está em condição de sofrimento e continua nesta posição, pois o masoquismo emergiria como uma forma de aplacar o desamparo. Ela liga-se a seus parceiros violentos em busca de significação para seu ser e, com isso, encontra na submissão, na subserviência de seu corpo devastado uma forma de ser, aniquilando-o.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com açúcar, com afeto

Com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto

Pra você para em casa.

Qual o quê...

Com seu terno mais bonito, você sai não acredito quando diz que não se atrasa...

No caminho da oficina há um bar em cada esquina pra você comemorar, sei lá o quê...

Quando a noite enfim lhe cansa, você vem feito criança, pra chorar o meu perdão.

Qual o quê...

Diz pra eu não ficar sentida, diz que vai mudar de vida, pra agradar meu coração.

E ao te ver assim cansado, maltrapilho e maltratado

Como vou me aborrecer?

Qual o quê,

Logo vou esquentar seu prato,

Dou um beijo em seu retrato e abro os meus braços pra você.

Chico Buarque de Holanda

A pesquisa em Psicanálise possibilita pensar um fenômeno social a partir do recurso literário, investigando, assim, uma particularidade que pode ser elevado a um estatuto universal. Freud partiu de investigações individuais, e até pessoais, para buscar premissas universais sobre a sexualidade humana.

Esta pesquisa psicanalítica pretendeu lançar como investigação a possibilidade de questionamento/leitura sobre o fenômeno tão atual e reincidente, qual seja, a violência perpetrada contra a mulher e sua reincidência, e ainda, a manutenção do vínculo violento.

A obra literária utilizada que ampara as discussões ensejou, pela personagem “O”, esclarecer questões sobre a devastação e o processo de subjetivação dos sujeitos com interesse nas parcerias amorosas com as quais “O” se enlaça, possibilitando pensar as peculiaridades do laço.

A análise apontou que o sujeito em questão é marcado pela relação primordial com o Outro materno, na qual não há o reconhecimento do indivíduo como sujeito por encontrar-se em relação fusional com a mãe, sendo o objeto de desejo que a completaria. “*O*” parece transferir às outras relações essa posição de ser o falo, não conseguindo, portanto, avançar nos tempos do Édipo (conforme proposto por Lacan) saindo do lugar de ser o falo para o ter/não ter o falo. Isso sugere a falta da inscrição do Nome-do-Pai, o que a faz ceder aos caprichos de seus amantes, forma análoga à da criança que cede aos caprichos maternos se não houve a intervenção da Lei paterna.

Nessa alienação ao Outro, nesse lugar ocupado de objeto de desejo do Outro, o que resta é uma tentativa de sobrevivência, uma tentativa de tornar-se sujeito de desejo, porém, o que surge no horizonte é o destino funesto frente ao desamparo. “*O*”, sucumbe ao abandono de seu amante Sir Stephen, como sucumbiria sem os cuidados maternos.

É por esta via que os sujeitos em posição de objeto entram no circuito do masoquismo feminino (masoquismo mortífero) que irá conduzir à morte ou fazê-los ascender como sujeitos, havendo a possibilidade de retificação subjetiva que os promova sua ascensão.

As mulheres às quais nos referimos neste trabalho não são, portanto, masoquistas, como o senso-comum supõe, mas estão em uma posição masoquista frente à força pulsional que as impulsionam a ocupar lugar de objeto de desejo do Outro. Esta força pulsional que, em vias de buscar alcançar sua satisfação, encontram abrigo nos braços do sujeito sádico, realizando-se, assim, a parceria perfeita.

Se Freud designou um dos tipos do masoquismo como feminino, foi por relacioná-lo à passividade, estabelecendo-se, assim, relação com o feminino pelo fato de que o sujeito, para ascender à posição feminina em sua sexualidade necessita abrir mão de certa dose de atividade de seus impulsos sexuais em prol da passividade. Esta parceria que, para Freud, designa-se como catástrofe e, para Lacan, como devastação, origina-se da relação mãe-filha, na qual a

fixação ao desejo da mãe enquanto Outro materno, desloca-se para o parceiro na vida amorosa, mantendo-se no lugar de objeto de desejo, na qual a mulher alucina ser o objeto que falta: o falo. A noção de devastação, portanto, remete ao gozo feminino, gozo outro, não remetido à lógica fálica.

Com efeito, a relação entre desamparo e masoquismo sugere que não há relação intrínseca com sujeitos femininos, mas antepara, como nos masculinos, o primitivo de sua constituição. O que difere na relação da partilha dos sexos e suas formas particulares de posicionarem-se é a relação com o Outro Materno, Primordial. Nesta relação, há na menina maior complexidade visto ter que abandonar seu primeiro objeto de amor, movimento que não é sem consequências. Quando ocorre uma falha nesta desvinculação primitiva, o que resta é a devastação.

Sobre o universo feminino, permanece a questão de como ocorre a desvinculação da mãe, que conduziria a um destino criativo a seu desamparo. “*O*” sucumbe ao ser abandonada por seu amante, o que aponta para o destino funesto que a aprisiona, que a devasta, na tentativa de escapar de seu desamparo.

Ao final, a pesquisa possibilitou depreender que este tipo de vínculo, perpassado pela violência, remete o sujeito ao horror terrífico do desamparo. É suposto pensar que o tipo de parceria amorosa que causa devastação do sujeito receba o nome de amor, dado que há, na devastação, um caráter do sem limite na demanda de amor. É fundamental, contudo, interrogar a relação entre a devastação amorosa e sua relação singular com o gozo feminino, para melhor compreensão deste fenômeno.

Assim, permanece uma questão: como intervir em casos em que ali onde deveria haver um sujeito parece haver nada? Os questionamentos continuam para que as construções teóricas avancem no sentido de possibilitar retificações subjetivas que viabilizem ascender o sujeito de desejo. Contudo, entende-se que a escuta psicanalítica que alcança o sofrimento e a angústia

fundamental do sujeito pode se constituir em importante campo de análise e intervenção. À Psicanálise cabe assumir a escuta que amplia e acessa socialmente os sujeitos, viabilizando novas formas de pensar o fenômeno da violência contra a mulher.

Observa-se, ainda, que a pesquisa permitiu analisar a constituição do sujeito feminino na relação de servidão ao Outro, condição imposta pelo desamparo. Neste cenário, o masoquismo feminino surge frente à impossibilidade de suportar o desamparo, que encontra um destino funesto, viabilizando a saída pela devastação.

Por fim, reitera-se a importância de estudos que promovam o avanço da teoria e enseje novas investidas para se pensar a violência, o feminino e os modelos de intervenção, que suscite nos profissionais em sua lida diária com mulheres, questões que vão além de “Por que ela simplesmente não vai embora?”. O fenômeno da violência contra a mulher é multifacetado e, portanto, faz-se imprescindível que se problematizem questões para além da culpabilização da mulher e sua possibilidade de “ir ou não embora”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, E. (2003). Devastação na psicose. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano.- O sexo e seus furos* – n.1. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.
- ANDRADE, F.C.B. (2012). Masoquismo e mensagem enigmática: porque rimar amor com dor? *Psicologia em estudo*. Maringá, v.17, n.3, p.453-462, jul./set.2012.
- ANDRÉ, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BESSET, V.L. Angústia e desamparo. *Revista mal-estar e Subjetividade*/Fortaleza/v.II/N.2/P.203 – 215/Set. 2002
- BIRMAN, J. (1999a). A dádiva e o Outro: Sobre o conceito de desamparo no Discurso Freudiano. *PHYSIS: Ver. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 9(2): 09-30.
- BIRMAN, J. (1999b). *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34.
- BIRMAN, J. (2001). *Gramáticas do Erotismo*: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BIRMAN, J. (2014) *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (10^a.Ed.)
- BLEICHMAR, H. (1984). *Introdução ao estudo das perversões: a teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BRASIL. (2006) Lei 11.340. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/lei/l11340.htm
- BRASIL. (2015) Lei nº 13.104. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm
- BRODSKY, G. (2002/2003). A escolha do sexo. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano.- O sexo e seus furos* – n.1. Belo Horizonte:

Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

CAMARGOS, S.R.L.de, PROCHNO, C.C.S.C., & ROMERA, M.L.C. (2009). Desamparo primordial em Nietzsche e em Freud. *Pesquisas e práticas psicossociais* 3(2) São João Del-Rei, Mar.

CAMPANÁRIO, I. S. (2010). Questões sobre a psicopatologia do amor cotidiano. *Estudos de Psicanálise* – Aracaju – n.33 – p.55-60 – Julho.

CASTRO, R. (1997). *Flor de Obsessão – As 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia. Das Letras.

DOR, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

DRUMMOND, C. (2012) A devastação. *Opção Lacaniana Online*. Ano 2. Número 6. Recuperado em http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Cristina_Drummond_A_devastacao1.pdf

DUPIM,G. & BESSET, V.L. (2011). Devastação: um nome para a dor de amor. *Opção Lacaniana Online*. Ano 2. Número 6. Novembro. Recuperado em http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/devastacao_um_nome_para_dor_de_amor.pdf

ELIA, L. (2000). Psicanálise: clínica & pesquisa. In. ALBERTI, Sonia e ELIA, Luciano (Orgs.). *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

FONSECA, M.C.B. (2009). O objeto da angústia em Freud e Lacan. *Reverso*. Belo Horizonte, ano 31, n.57, Junho.

FONSECA, F.L. (2010). O masoquismo masculino nos sujeitos: a repetição inconsciente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Volume 44, n.3.

FREUD, S. (1895/2006). Projeto para uma Psicologia Científica In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. I). Rio de Janeiro:

Imago.

FREUD, S. (1905/2006) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.VII). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1907[1906]/2006). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.IX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1908/2006). Sobre as teorias sexuais das crianças In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. (Vol.IX).

FREUD, S. (1910[1909]/2006). Cinco lições de Psicanálise. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XI). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1910/2006). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância . In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XI). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1914/2006). Sobre o Narcisismo: uma introdução . In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XIV). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1915/2006). As pulsões e suas vicissitudes. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1919/2006). O Estranho. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. (1920/2006). Além do princípio do prazer. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1921/2006). Psicologia de grupo e a análise do eu. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1923a/2006). O eu e o isso. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XIX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1923b/2006). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XIX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1924/2006). O problema econômico do masoquismo. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1926[1925]/2006) Inibições, sintomas e angústia.. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*.(Vol.XX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1927/2006). O futuro de uma ilusão. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1930[1929]/2006). O mal-estar na civilização In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1931/2006). Sexualidade feminina. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1933[1932]/2006). Conferência XXXIII - Feminilidade. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago (Vol. XXII).

FREUD, S. (1937/2006). Análise terminável e interminável. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XXIII). Rio de Janeiro: Imago.

- FREUD, S. (1940[1938]/2006). Esboço de Psicanálise. In. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol.XXIII). Rio de Janeiro: Imago.
- FUENTES, M.J.S. (2003). Sexo, desejo e devastação. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano.- O sexo e seus furos – n.1*. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.
- HARARI, R. (1997). *O seminário “A Angústia” de Lacan: uma introdução*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- JORGE, M. A. C., & FERREIRA, N. P. (2005). *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- KEHL, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1952/2008). *O mito individual do neurótico*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1957/1995). O primado do falo e a jovem homossexual. In. *O Seminário Livro 4 – a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1958/1999) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1998). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1956/1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. (1966/2003) Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1969/2003) Nota sobre a criança. In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1972/2003) O Aturdito. In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1973/2003) Televisão. In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. (1972-19733/1998) *O Seminário, livro 20: Mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LAPLANCHE, J; PONTALLIS, J.-B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes. (4^a.Ed.).

LHULLIER, L. A., & FAYAD, D.C. (2015) À flor da pele: posições femininas de dizer o amor. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 15(2): 190-199, agosto.

MARCOS, C. (2011). Mãe e filha – Da devastação e do amor. In. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.43.II.

MENDONÇA, R.C.F. (2013). *O feminino e o amor: alguns apontamentos sobre o laço amoroso na contemporaneidade.* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MENEZES, L.S. (2005) Pânico e desamparo na atualidade. *Ágora* (Rio de Janeiro) v.VIII n.2 jul/dez.

MENEZES, L.S. (2006) *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico.* São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP.

MENEZES, L.S. (2012a). *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho.* São Paulo: Primavera Editorial.

MENEZES, L.S. (2012b). *Desamparo.* São Paulo: Casa do Psicólogo. (2^a.ed.)

MICHAELIS. (2008). *Moderno dicionário da língua portuguesa.* São Paulo: Companhia Melhoramentos.

MILLER, J.-A. (1998/2003). Uma partilha sexual. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano.- O sexo e seus furos –* n.1. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

NOBRE, L. (1999) Sobre o ato de pesquisar em psicanálise: algumas considerações. *Ágora*, v.II, n.2, jul/dez.

- PARAVIDINI, J.L.L., & GONÇALVES, M.A. (2009). Neopentecolismo: Desamparo e condição masoquista. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza. (Vol.IX). Nº 4. Dezembro.
- PEREIRA, M. E. C. (2008) *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta. 400p.
- RÉAGE, P. (1954/1972) *A história de O*. São Paulo: Círculo do Livro.
- RIBEIRO, C.N. (2008). Reduzir-se a nada: articulações entre o masoquismo, o feminino e a máscara. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ROCHA, Z. (2002). Feminilidade e castração: seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. Recuperado de <http://www.cbp.org.br/artigo2.htm>
<https://doi.org/10.1590/1415-47142002001009>
- ROSA, M.D., & DOMINGUES, E. (2010) O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1). <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>
- SAMICO, F.C. (2012). A Clínica das Mulheres: Erotomania e Devastação. *Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v.3, n.1, jan/jun.
- SANTUÁRIO, L. C. (2004). *A lei do desejo: epistemologia da psicanálise lacaniana*. Caxias do Sul: Educs.
- SOLER, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SOUZA, J. A relação mãe-filha e seus efeitos de devastação. In. *E-universitas/U.N.R. Journal*. Ano 07. Volume 01. Nov. 2014.
- ZALCBERG, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier. (9^a.reimpressão).
- ZALCBERG, M. (2007). *Amor Paixão Feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier.